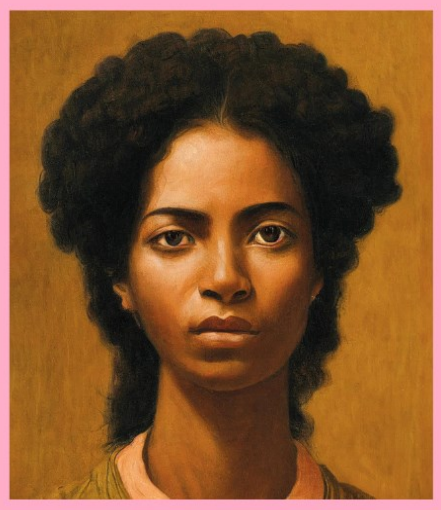
Volume 5 - número 12 - janeiro/fevereiro de 2025

POESIAS/CONTOS/CRÔNICAS E ARTES VISUAIS

REVISTA Salau

CONCEIÇÃO EVARISTO



MARIA FIRMINA DOS REIS

SOCORRO ACIOLI

FLORBELA ESPANCA

ANTONIO CICERO

ISSN 2965-6192

AUDIODESCRIÇÃO janeiro/fevereiro de 2025

Descrição da imagem: capa com fundo rosa claro. Na parte superior, em letras pretas, "Volume 5 – número 12 – janeiro / fevereiro de 2025"; "POESIAS/CONTOS/CRÔNICAS E ARTES VISUAIS". Abaixo, à esquerda na vertical, em letras pretas, "REVISTA SARAU". À direita, de cima para baixo, as seguintes imagens: as escritoras Conceição Evaristo e Maria Firmina dos Reis; a jornalista Socorro Acioli, a poetisa Florbela Espanca e o poeta Antônio Cícero. A foto colorida de Conceição, mulher negra, cabelos crespos e grisalhos presos para cima; olhos escuros, sorri e usa blusa estampada de mangas curtas. O desenho colorido de Firmina, mulher negra, cabelos crespos e negros; olhos escuros e boca carnuda. As fotos em preto e branco de: Socorro, mulher parda, cabelos crespos e longos; Florbela, mulher parda, cabelos curtos, escuros e acima dos ombros; usa bolsa pequena, pendurada no ombro esquerdo. A foto colorida de Cícero, homem pardo, cabelos curtos e grisalhos; olhos escuros, sorri e usa fardão. "ISSN 2965-6192" e o código de barras.

@REVISTASARAU

POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS

Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores. Todos os direitos reservados.

Os autores e artistas que publicam seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:
●. Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
● O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
● Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
https://revistasarau2.wixsite.com/website

EXPEDIENTE

Volume 5 – número 12 – jan. / fev. de 2025
Fortaleza – CE – Brasil
Publicação Bimestral
Distribuição Gratuita: On-line

EDITOR CHEFE:

Nonato Nogueira

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES
Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

CONSELHO EDITORIAL:

Nonato Nogueira (Editor)
Afrânio Câmara (UERN)
Luciana Bessa (UFCA)
Elaine Meireles (Editorial)
Ivan Melo

Colunistas:
Elaine Meireles
José Roberto Morais
Néia Gava
Péricles Melo
Rangel Flor
Eduardo Fontenele

REVISÃO E NORMATIZAÇÃO:

Elaine Meireles e Ivan Melo

DIAGRAMAÇÃO:

Nonato Nogueira

CAPA:

Reprodução da foto de Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis, Socorro Acioli, Florbela Espanca e Antonio Cicero.

AUDIODESCRIÇÃO:

Ana Paula Marques

CONTATO:

revistasarau2@gmail.com
Instagram: @revistasarau
https://revistasarau2.wixsite.com/website

A Revista Sarau é uma revista de Literatura, Música, Cinema, Teatro e Artes Visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

SUMÁRIO

5 Editorial
6 O pioneirismo de Maria Firmina dos Reis / Luciana Bessa
8 Úrsula / Maria Ferreira da Silva Cassemiro
9 Art Collage – O som da vida / Beny Barbosa
10 A flor mais bela / Péricles Melo
11 Florbela / Diana dos Santos Rech
12 Essa tal coisa de ser mulher / Lucirene Façanha
13 Arte Visual – O olho do camaleão / Carlos Nascimentto
14 Treze prantos femininos / Maria Ferreira da Silva Cassemiro
16 Inquietude baseada em uma memorialístico poético / Marla Gomes Lima
18 A dama da noite / Sebastião Amâncio
19 Salve, Conceição Evaristo / Jorge Furtado
20 Arte Visual – Eu e as cores / Amauri Flôr
21 O poema, as traduções e o trânsito de criação: "O fim da vida", de Antonio Cicero / Gustavo Tanus
23 Não sei lidar com a morte / Marcondes Jamacaru
24 Antonio Cicero entre a música e a poesia / Renata Barcellos
28 Arte Visual – Paisagem / Ferreira Lima
29 Escritora da gente / Vanice Ricardo do Nascimento
30 Revivendo a Torta de Banana / Luiza Pontes
31 A Ressurrecta / Eduardo Fontenele
33 Contos Potiguar / Afrânio Câmara
34 A esfinge / Ronaldo Rogério
35 Nascer / Mad Rodrigues
36 Mulher, multifuncional – natureza – mulher / Giovanna Barros
37 Clics poéticos / Márcio Catunda
38 Sob palavras / Nonato Reis
39 Devaneios / Gerson Augusto Jr.
41 Xilogravura e Art Naif / Nonato Araújo
42 Coluna Escritoras cachoeirenses / Néia Gava
46 Coluna entre Malditos e Marginais / Péricles Melo, Rangel Flor e Eduardo Fontenele
51 Coluna Clics do sertão / José Roberto Morais
55 Espontaneidade / Enrico Pierro
56 Amor Incompleto / Maryêlliz Lima Coutinho
57 Vozes estranhas / Joaquim Pontes Brito
59 Um e outro – O martelo e o prego / Carlos Nascimentto
60 À Elisa / Rafa Chagas
62 O encanto da vida literária / Hugo Proença Simões
63 Emiliano Queiroz: um ícone do teatro e da televisão brasileira / Élcio Cavalcante
64 Memórias de Boa Viagem / Tânia Íris
65 Aquilo que eu renego / Ludimila Barreira
66 Rumo à inclusão / Ana Paula Marques
67 Coluna Mosaico Artístico-cultural / Elaine Meireles
73 Era uma tarde / Artur Rocha
74 A professora e os alunos da tecnologia / Antônia Cavalcante de Oliveira
75 Recordações da Fortaleza anterior ao segundo milênio / Maria José Monte Holanda

EDITORIAL

Bem-vindos a 2025!

Deixemos em 2024 as guerras, os desastres ambientais, as relações abusivas, a intolerância religiosa e racial, a indiferença aos vulneráveis, as fakes news e tantas outras mazelas que coroaram os dias e meses do ano que passou.

Cultivemos o que de bom ocorreu no ano que se foi: a reconciliação com os familiares, as metas alcançadas, o amor conquistado, a amizade construída, o supérfluo compartilhado, a acolhida ao rejeitado, o equilíbrio entre o material e o espiritual. Guardemos, com alegria, nossos encontros do Sarau na EMCETUR, os livros e revistas publicadas com o selo SARAU. Os prêmios recebidos, as viagens culturais e de lazer. Mantenhamos com afeto, lá no íntimo do nosso coração, os familiares e amigos que partiram, na certeza que somos todos chamados a fazer essa viagem e que viver o presente, é sabedoria maior.

E assim, iniciamos o ano homenageando escritores que centram sua Arte na "construção de um mundo mais justo": **Conceição Evaristo** registra questões raciais, a desigualdade, ancestralidade; **Maria Firmino dos Reis** ressalta a cultura popular e a vida dos mais simples e pobres. **Socorro Acioli** aborda a religiosidade, opressão das camadas populares, regionalismo nordestino; **Florbela Espanca** reflete o drama humano ante o sofrimento, a busca da liberdade, questões sobre a identidade feminina; **Antônio Cicero** apresenta, em seus poemas, um olhar crítico sobre a sociedade, e a letra de suas músicas versa sobre a condição humana.

Vamos torcer para que as propostas de combate à desigualdade social, racial e econômica, declaradas e assumidas no G20 Rio de Janeiro 2024, se cumpram. E que nós, leitores da Revista Sarau, sejamos atores nesse painel do desenvolvimento sustentável e no empenho em concretizar os direitos humanos, *"Construindo um mundo justo e um planeta sustentável."*

Boa leitura!

Elaine Meireles

O pioneirismo de Maria Firmina dos Reis

Luciana Bessa

Maria Firmina dos Reis, mulher negra, acanhada, de compleição débil, autodidata, se autorretratava como uma "criatura frágil, tímida, e por consequência, melancólica", que recebeu uma espécie de educação freirática, enveredou pela poesia, pela música, pelo conto, romance e pela crônica.

Maria Firmina dos Reis - Foto: Divulgação

Nascida em 11 de março de 1822, ano da Semana de Arte Moderna (SAM), em que os modernistas – Mário e Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Társila do Amaral - lutavam para superar a literatura dos "ismos" anteriores – Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo - enfatizar uma arte mais popular, com as cores de nosso país e torná-la mais acessível à população. Anos mais tarde, o mês de março seria dedicado a luta história das mulheres para terem seus direitos equiparadas às dos homens.

Maria Firmina dos Reis foi uma dessas mulheres que desabrochou para guerrear com e pela vida. Filha de Leonor Felipa dos Reis e João Pedro Esteves, a autora de **Cantos à beira-mar** (1871), foi criada pela tia em virtude das condições sub-humanas em que vivia com sua genitora. Cedo conheceu o céu, as estrelas e as flores, que se tornaram seus únicos grandes amores, afinal, acreditava que amar era tão "necessário ao coração do homem, quanto o ar é necessário à vida". Aprendeu a ler e a escrever e descobriu que poderia sair da caverna de Platão.

A leitura e a escrita são ferramentas carregadas de poder simbólico, motivo pelo qual durante décadas foi negado à mulher. Relegadas ao espaço privado, sem instrução e conhecimento, o gênero feminino foi taxado de frágil e indolente.

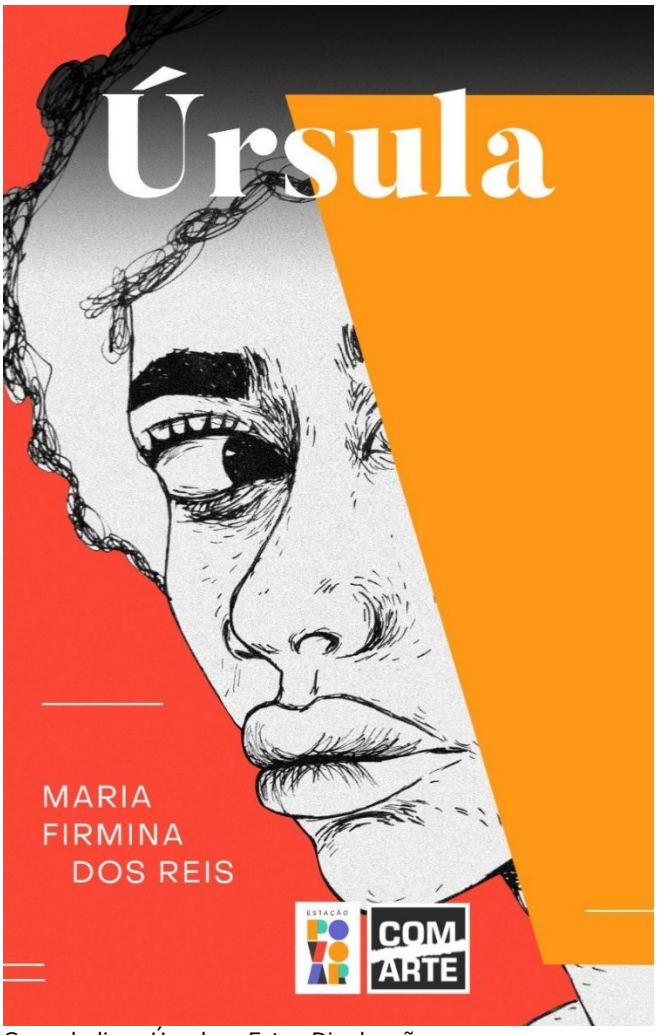
A partir do instante em que dominou o código linguístico, Maria Firmina dos Reis pôde falar de si, sobretudo dar voz a personagens como Suzana, Túlio e Antero, em seu romance **Úrsula** (1859), considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro de autoria feminina.

Da própria boca de mãe Suzana, ouvimos sua triste trajetória: foi arrancada de sua terra (África), separada de seu marido, de seus filhos e jogada em um navio negreiro, onde "presenciou as mais terríveis desumanidades", ou seja, o negro na obra dessa maranhense é humanizado e assume a posição de sujeito de discurso.

A postura antiescravista perpassou a obra de Maria Firmina dos Reis, cujas lágrimas foram suas companheiras de uma "árdua e penosa existência" - **Gupeva** (1861), **Cantos à beira-mar** (1871), **A escrava** (1887), **Hino de Libertação dos Escravos** (1888) - mesmo com todas as dificuldades impostas a uma mulher e negra de seu tempo.

Estando ciente da condição de inferioridade e subserviência em que viviam as mulheres no século XIX, Maria Firmina dos Reis declarou no prólogo de **Úrsula**

(1859): "Pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados". O descrédito à literatura produzida por mulheres no passado (e ainda hoje) era uma estratégia para abafar a voz feminina e legitimar a voz masculina como a única representante de uma elite cultural. Não é à toa que o cânone literário é composto primordialmente de homens brancos, heterossexuais e abastados.



Capa do livro Úrsula – Foto: Divulgação

É verdade que a heroína Úrsula é branca, mas o que mais chama atenção é uma tríade de personagens negras. Firmina adornou um típico enredo romântico de considerações e análises sociais sob a perspectiva do feminino e do negro. Sua voz sensível, poética e crítica é capaz de fazer o leitor querer escutá-la e propagá-la.

Seu pioneirismo foi além da arte literária: foi a primeira mulher a ser aprovada para o cargo de professora de primário e fundou a primeira sala de aula gratuita e mista, em Maçaricó, próximo de Guimarães.

Ler Maria Firmina dos Reis, homenageada na Festa Literária Internacional de Paraty em 2022, é entrar em contato com a história de uma mulher que, em pleno século XIX, desafiou todas as convenções sociais e interferiu em uma sociedade patriarcal valendo-se de um discurso romântico, humanista e cristão, especialmente, crítico que procurou sensibilizar o leitor para as feridas da vida.

"Não queiras a vida
Que eu sofro - levar,
Resume tais dores
Que podem matar.

E eu as sofro todas, e nem sei
Como posso existir!
Vaga sombra entre os vivos, - mal podendo
Meus pesares sentir.

Talvez assim deus queira o meu viver
Tão cheio de amargura.
P'ra que não ame a vida, e não me aterre
A fria sepultura."

Maria Firmina dos Reis

Luciana Bessa - Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará e membro da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno. Professora da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Úrsula

(Romance de Maria Firmina dos Reis)

Maria Ferreira da Silva Cassemiro

Úrsula, é uma obra
De valor incontestável,
Porém não foi divulgada,
Fato muito lamentável,
Pois nossa sociedade
Ocultou tanta verdade
De forma abominável.

Há cento e sessenta anos
Essa obra foi escrita,
Um romance que abordou
Temas abolicionistas,
Fomentando a discussão
Do fim da escravidão
Sob a ótica humanista.

Em meio a uma sociedade
Movida pelo machismo
Surge uma voz feminina
Que encurtou esse abismo,
Desafiando o sistema
Expondo todo o problema
Gerado pelo racismo.

A natureza é descrita
Com muita exuberância,
Detalhes minuciosos,
Exaltados com elegância,
Que envolve logo o leitor
Num cenário encantador
De singular relevância.

Tanta beleza de um lado
Contrasta com a tirania
E o excesso de crueldade
Que na sociedade havia
Escravidão, preconceito,
Sexismo, desrespeito,
Abusos, selvageria.

Enfim, Maria Firmino
Representa a resistência,
Heroína brasileira
Que provou sua competência
Nos estudos e escritos,
Nas lutas e nos conflitos
Sem perder a sua essência.

Maria Ferreira da Silva Cassemiro, paulista, filha de cearenses, nascida em 23/01/1962, professora aposentada, lecionou Língua Portuguesa durante 28 anos em escolas públicas municipais e estaduais, casada, mãe de dois filhos e avó de dois netos. Publicou um livro de crônicas a respeito da maternidade e ama escrever poemas em versos de cordéis. O poema acima foi elaborado após a leitura da obra *ÚRSULA*, de Maria Firmina dos Reis.

ART COLLAGE

Beny Barbosa, natural de Fortaleza/CE. Graduado em Filosofia e mestrando em políticas públicas. Professor e militante dos Direitos Humanos. Escreve contos e poemas desde a adolescência. Participa de festivais de literatura e de antologias. Em 2021 publicou o seu primeiro livro solo, TEMPOS DE CHUMBO, que aborda a questão da ditadura militar no Brasil. É também arte colagista. A poesia é a voz da alma!

Florbela Espanca

Florbela Espanca – Foto: Divulgação

A flor mais bela

Péricles Melo

Florbela onde tu estás agora,
queria eu te cobrir de flores inteiras
beijar tua face até ficar vermelha
te dar um banho de perfume com cheiro de casa preparada para uma longa invernada
onde tu respiras agora Florbela que me encanta
onde andará você princesa da poesia
você que senta a mesa com homens tem amizade com suas letras
intimidados com seu olhar profundo eles paralisam
você reina como madre, anima, gaia solitude diária
Te daria todas as flores só para perguntar teu nome pessoalmente
frente a frente com você.
é você a Florbela Espanca?
a Flor no coração do poeta Sister eternal a Flor mais bela.

Péricles Melo atua na área de Humanas como professor de História. Tem interesse pela literatura clássica e, como influência, a poesia parnasiana.

Florbela

Diana dos Santos Rech

Qual nome de outra flor te tornaria mais bela?
Em gestos lúcidos e palavras brandas
Caminhaste pelo solo lusitano
A sonhar a terra de tantos outros
Ilustres e bem letrados.
E tu, apenas tu, mulher!
Menina afeita aos sonetos e amores
De glória e de riso soltos na mão
Tu te desacompanhaste desta fortuna
Para escrever teu nome próprio
Nome de mulher, nome de uma flor
D´Alma de poeta
Uma flor que não existe
Soletrada para renascer em teu nome
Nome de *Vida e de Morte*

Jamais te recusaste à palavra feminina
Ou à verdade que nem sempre se alcança.
E quando hoje, não mais que ontem
Se celebra teu nome, nunca tarde
Nesta tarde de chuva
O céu se abre a tua voz que fala
A não todas as mulheres cansadas
Carregando os filhos desta terra
E ainda assim,
A se saberem em silêncio, únicas e ousadas
Não para cantar este dia, apenas
Mas o dia de todos os dias
Em que tuas palavras chegam até nós
Como uma flor que desabrocha ao sorriso
E aos lábios úmidos do sol.

Diana dos Santos Rech. Poeta e Psicanalista. Mestra em Filosofia da Psicanálise pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP/ Manchester/Inglaterra. Publicação de artigos científicos em livros e revistas especializadas. Em 2023, fez sua primeira publicação literária com o livro **Poemas bem de detrás e antes,** além de outros textos publicados em Coletâneas e Antologias impressas e on line. Destacam-se: "Florbela por elas"; "A Caminho de Pasárgada" e "Amazônia". Atualmente na direção do Grupo de Trabalho Psicanálise e Literatura - **Letraslacan.**

Essa tal coisa de ser mulher

Lucirene Façanha

A Mulher

Ó Mulher! Como és fraca e como és forte!
Como sabes ser doce e desgraçada!
Como sabes fingir quando em teu peito
A tua alma se estorce amargurada!
Quantas morrem saudosa duma imagem.
Adorada que amaram doidamente!
Quantas e quantas almas endoidecem
Enquanto a boca rir alegremente!
Quanta paixão e amor às vezes têm
Sem nunca o confessarem a ninguém
Doce alma de dor e sofrimento!
Paixão que faria a felicidade.
Dum rei; amor de sonho e de saudade,
Que se esvai e que foge num lamento!

(Florbela Espanca)

Transbordar de sentimentos.

Nesse poema, como em muitos que criou, Florbela Espanca, emite um grito de feminilidade e diz que as mulheres são capazes de tudo, que por vezes disfarçam suas dores e carregam sobre os ombros um peso enorme, ao mesmo tempo que sorriem para o mundo.

Viveu intensamente durante 36 anos. Escreveu contos, poesias, cartas. Foi considerada a poeta dos sonetos, muito embora não praticasse uma métrica formal. Criticada por abusar de seu "eu" lírico, numa época em que só as criações masculinas tinham valor, hoje essa forma é reconhecida como inovação e representa a emancipação de mulheres.

Não conseguiu suportar a perda do irmão, a quem devotava um grande amor. Infeliz no casamento, ousou declarar pouco antes de sua morte:

"Sofri todas as humilhações, suportei todas as brutalidades e grosserias, resignei-me a viver no maior dos abandonos morais, na mais fria das indiferenças, mas um dia chegou em que eu me lembrei da vida que passava, que a minha bela e ardente mocidade se apagava, que eu estava a transformar-me na mais vulgar das mulheres, e por orgulho, e mais ainda por dignidade, olhei de frente, sem cobardias nem fraquezas, o que aquele homem estava a fazer da minha vida, e resolvi liquidar tudo simplesmente, sem um remorso, sem a mais pequena mágoa."

Viveu fora de época, como uma flor atrevida que se abre antes do tempo, quando a luz da liberdade feminina sequer faiscava num horizonte distante.
A grande maioria de suas obras foram publicadas após sua morte.

Lucirene Façanha - se fez escritora nos projetos do SESC, embora escrevesse desde criança. Pilhas e pilhas de diários e cadernos amarelados do conhecimento apenas de sua mãe. Graduada em História com Especialização em Ensino. Contos em e-book na Amazon: *O Elo* e *Silencio sobre o algodão*. Livros físicos: *O Homem na Janela*, Hecatombe e *Pedro* e a *noite de são João*.

ARTE VISUAL

O olho do camaleão. Técnica mista sobre azulejo.

Carlos Nascimentto - Professor Pedagogo, Especialista em Educação, Pós-Graduado em Planejamento, poeta, escritor e artista visual. Membro do Cecordel, ACE, UBT e outras.

Conceição Evaristo

Conceição Evaristo – Foto: Divulgação

Treze prantos femininos

Maria Ferreira da Silva Cassemiro

Treze histórias de mulheres
Conceição quis registrar,
Colheu os depoimentos
Para depois recontar
Em seu estilo e linguagem,
Com enredo, personagem,
Discurso, tempo e lugar.

Os contos são envolventes
Tocam fundo o coração;
Treze histórias diferentes
Que causam indignação,
Pelos atos de maldade,
Os níveis de crueldade
Indignos no cidadão.

Mulheres que conviveram
Frente a frente à violência,
Sofreram com o machismo
Lidaram com a imprudência,
Mas souberam dizer NÃO,
Fazendo a superação
Dar sentido à existência.

ARAMIDES padeceu
Com o ciúme do marido;
Troçoleia, rejeitada,
Com um nome sem sentido,
Mudou para **NATALINA**,
Conheceu nova rotina
E esqueceu o tempo sofrido.

SHIRLEY pagou preço alto,
Mas atacou o agressor
Que molestava a filha
E ria da sua dor;
ADELHA ficou carente,
Com marido impotente
Que perdera o esplendor.

MARIA foi sequestrada
Por estranhos, sem razão;
ISALTINA, violada
Porque o corpo disse NÃO;
MARY fez do sangue a tinta,
Tornou-se artista distinta,
Pintando quadros à mão.

MIRTES foi abandonada
Quando a filha nasceu,
Seus olhos em suas mãos
O caminho floresceu.

LÍBIA foi atormentada,
Varou noites agitada
Por um pesadelo seu.

LIA GABRIEL e os filhos
Foram alvos de agressão
Marcas não cicatrizadas
No corpo e o coração;
ROSE DUSREIS, a menina
Amava ser dançarina
Bailou até ir ao chão.

SAURA foi mãe de três filhos,
Só não amou a terceira,
Porque foi mal planejada,
Fruto de uma asneira;
REGINA teve um amor
Que soube lhe dar valor
Durante a vida inteira.

E assim, a artesã das letras,
Transferiu para o papel
Episódios variados
Traçados com seu pincel:
Luta e dores femininas,
Espelhados na retina,
Projetados no painel.

Maria Ferreira da Silva Cassemiro, paulista, filha de cearenses, nascida em 23/01/1962, professora aposentada, lecionou Língua Portuguesa durante 28 anos em escolas públicas municipais e estaduais, casada, mãe de dois filhos e avó de dois netos. Publicou um livro de crônicas a respeito da maternidade e ama escrever poemas em versos de cordéis. O poema acima foi elaborado após a leitura da obra "Insubmissas Lágrimas", de Conceição Evaristo.

Inquietude baseada em um memorialístico poético

Marla Gomes Lima

Enquanto lia Olhos d'Água, de Conceição Evaristo, senti o peso de uma lágrima quente deslizar pela minha face. Respirei fundo, como quem tenta conter o mar que insiste em transbordar. Naquele momento, cada palavra parecia ter sido escrita para minha mãe, uma mulher negra, mãe de quatro filhos, a rainha da nossa casa, cujo sobrenome era força. Ela, em cada gesto, em cada passo, era poesia viva. Mas eu me perdi num pensamento inquieto: qual era a cor dos olhos dela?

Lembranças vieram como um sopro suave. Enquanto lia, senti um vento sussurrar nos meus ouvidos. Era ela. Voltei meus olhos para o espelho e, por um instante, vi seu reflexo em mim. Olhei para o céu, uma estrela brilhava mais forte do que todas. Era ela. Mas… qual era a cor dos seus olhos? Essa pergunta me assombrava.

A presença dela era como um manto que me envolvia a cada instante da vida. Sua força era a minha força, sua luta, o meu norte. Mas havia um mistério. Talvez a cor dos seus olhos estivesse nas cicatrizes que

carregava. Cicatrizes de uma vida que não lhe dava tréguas, de um cotidiano que a moía, mas nunca a derrubava. Seus olhos tinham a cor de quem sabia o que era ser traída, humilhada, excluída. Olhos de quem, por vezes, não sabia que era preta, mas que sentia na pele o peso da exclusão, dos olhares que a condenavam.

Minha mãe sonhava com os filhos longe das garras da violência, com profissões dignas, mesmo quando a realidade lhes jogava para os becos e vielas sombrios e angustiantes. Sua batalha, que durou doze anos contra o câncer, estava impressa na cor dos seus olhos – olhos que não se fechavam para o sofrimento, mas que nunca se deixavam apagar pela dor.

Olhos que amavam. Intensos, quase brutos, mas cheios de cuidado. Ela, que nunca foi de meias palavras, dizia com o olhar o que o coração guardava. Mas ainda assim, qual era a cor daqueles olhos que tanto me deram? Talvez a cor dos olhos dela fosse o reflexo de tudo que ela enfrentou. A cor de quem, mesmo cansada, nunca permitiu que o cansaço a vencesse.

Quem sabe seus olhos fossem da cor da noite, profundos e misteriosos, como as histórias que não contou. Ou talvez fossem da cor do sol, que mesmo nos dias nublados, teima em aparecer. Hoje, enquanto escrevo, sinto que não preciso mais dessa resposta. A cor dos olhos dela está em mim, está na força que carrego, está nas estrelas, no vento, no espelho. Ela está em todo lugar, e seus olhos, mesmo que eu não saiba a cor, sempre me guiam.

Parei de escrever.

Qual a cor dos olhos dela? Me perguntei novamente.

Francisca de Fátima Gomes Lima
Foto: Arquivo particular (in memorian)

A fotografia ao lado mostra Francisca de Fatima Gomes Lima (mulher negra, periférica, doméstica, mãe de 4 filhos) que se encontra com um olhar sereno e um leve sorriso. Ela está usando óculos de armação retangular e veste uma blusa estampada com desenhos em preto e branco. Além disso, usa uma faixa branca na cabeça, e seus braços estão apoiados um sobre o outro, transmitindo um ar de tranquilidade e conforto. O fundo mostra uma cozinha com alguns itens, como uma geladeira com ímãs e um corredor ao lado. A foto tem um tom sépia, que dá uma sensação nostálgica e calorosa à imagem. Fez sua passagem com apenas 55 anos de idade no dia 11/06/2017.

Marla Gomes Lima é atriz, contadora de histórias e professora pedagoga na rede pública municipal de Fortaleza, atuando na educação infantil. Especialista em coordenação pedagógica (UniBF), licenciada em Teatro (IFCE) e mestranda em Artes (IFCE), ela é Arte Educadora no projeto Visão Sonora, que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Marla também escreve dramaturgias teatrais, paródias, músicas, poesias e outros escritos, além de gostar de pintar de forma intuitiva. Email: marlalicenciada23@gmail.com

A dama da noite

Sebastião Amâncio

A Conceição Evaristo

Na taberna havia uma dama da noite
Que fazia roncar o açoite
Nas costas da pobre donzela
Sendo plebeia ou cinderela
Havia sempre uma dama a castigar
Que de modo peculiar
Vivia a denegrir a manteúda
Fosse franzina ou graúda
Tinha de haver castigo
Sem ter medo do perigo
A pena não tinha hora
Era assim mesmo, sem demora
Que a coisa acontecia
Sendo de noite ou de dia
A pisa era mais que certa
Pau-la-ti-na-men-te, direta
Foi assim que ganhou fama
Título de mulher dama
Fazendo valer o açoite
Da velha dama da noite

Sebastião Amâncio é alagoano de Passo de Camaragibe e radicado na cidade de Palmas, no Paraná. Licenciado em Letras Português/Inglês pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR. Autor do romance 'O menino do Passo', 'Cabra Marcado Pelo Destino' e 'O menino de botinas pretas com pontas de metal'. Participa ainda de várias antologias poéticas. Premiado em 2023 com o 1° lugar no VI Concurso de Poesias da ACLOB (Academia de Ciências e Letras de Ouro Branco/MG), na categoria nacional, com o poema 'O moderno tupiniquim'. É também professor na educação básica, nos componentes de língua inglesa e língua portuguesa e imortal da Academia Interamericana de Escritores (AINTE).

Salve, Conceição Evaristo

Jorge Furtado

Conceição Evaristo – Foto: Divulgação

Teu canto é forte e esplêndido como a tua alma África
Sabes da magia secular dos teus ancestrais
E te renovas a cada dia
Para luta sagrada
Sem te renderes jamais.

Sigo o teu rastro
A caminho da evolução
E me sinto mais leve
E sublimo a tribulação.
Aprender de ti
É decifrar o universo.
Nas entrelinhas de cada verso que compões com transcendental maestria
Tua essência residi
Seduz, encanta...
E tudo em ti
É plenitude de luz!

Jorge Furtado é poeta, cordelista, compositor. Participou de algumas antologias, tem alguns cordéis publicados. Recentemente está divulgando nas faculdades e escolas, a adaptação em cordel da fábula do pote rachado, em português e esperanto. E-mail: poetafurtado2@gmail.co

ARTE VISUAL

EU E AS CORES

Técnica - guache sobre tela

Amauri Flôr

Na tela
o azul
dos teus olhos serenos
olhos pequenos
no vermelho, a paixão
na tela amarela
tudo é descontração

no peito trago alegria
em cada cor
trago mistérios
em cada flor
trago um pouco
de excitação

Nonato Nogueira

O poema, as traduções e o trânsito de criação: “O fim da vida”, de Antonio Cicero.

Gustavo Tanus

Em outubro de 2024, faleceu o grande poeta Antonio Cicero. Filho de piauienses, nascido na, então, capital do Brasil, dedicou sua vida à palavra poética, impressa, cantada, musicada. Como homenagem a sua vida dedicada, apresentamos o poema “O fim da vida”, publicado no livro *Porventura* (Record, 2012), em que o poeta apresenta uma celebração da vida em vida, vivida, como toda nossa possibilidade de sacralização no viver a vida.

O fim da vida

Conhece da humana lida
a sorte:

o único fim da vida
é a morte
e não há, depois da morte,
mais nada.

Eis o que torna esta vida
sagrada:

ela é tudo e o resto, nada.

O tempo presente da vida presente aberto às possibilidades de vivê-la, como fortuna, causalidade, boa ou má sorte, porém vivida. Seu fim – não como finalidade, pois, esta, posta na ação de vivenciar e experenciar – se dá quando a vida se esvai. Como nossa tradução deste poema, a possibilidade de caminho em idiomas outros, uma outra forma de vida, diversa, em direção possível a outras recepções.

The end of life

Knowing from human struggle
the fate:

the only end of life
is death
and there is, after this death,
nothing else.

Here's what makes this life
sacred:

it's everything and the rest, nothing.

El fin de la vida

Conoce de la humana pelea
la suerte:

el único fin de la vida
es la muerte
y no hay, después de la muerte,
nada más.

He aquí lo que hace esta vida
sagrada:

Ella lo es todo y el resto, nada.

Para o chamado trânsito de criação, repensamos a valorização da vida e, de seu termo dicotômico, que não seria, para nós, a morte, mas sim o desencanto. Daí, contrariamos, neste momento, em que a "matéria vida era tão fina" (Veloso, 1979), mas não desencantou; a vida do fim é como impossibilidade de o texto ser recepcionado, em novas leituras, para novos leitores, em manter a vida.

A vida do fim

Conhecendo da humana vida
a morte:

o único desfecho da vida
é o desencanto
e não há, após o canto morto,
mais nada.

Eis o que torna esta vida
danada:

a morte do texto, é uma vida desencanada.

Referências

CICERO, Antonio. *Porventura*. Rio de Janeiro: Record 2012.

VELOSO, Caetano. Cinema Transcendental. LP: 6349 436. Philips, 1979.

Gustavo Tanus é Docente do curso de Letras da UERN. Doutor em Estudos da Linguagem / Literatura Comparada / Linha de pesquisa: Leitura do Texto Literário e Ensino (UFRN), intercâmbio na Faculdade de Educação da UFMG. Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada / UFMG, tendo atuado na Formação Intercultural de Educadores Indígenas (Faculdade de Educação/UFMG). Pesquisador e integrante da comissão editorial do **literafro**, Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA/Faculdade de Letras/UFMG). Cofundador e pesquisador do **Moviola** – grupo de pesquisas intersemióticas/intermídias: travessias entre Cinema, Literatura e outras áreas.

Não sei lidar com a Morte

Marcondes Jamacaru

ao escritor | poeta antonio cicero

Não sei lidar com a Morte
dos familiares
dos amigos próximos
dos autores preferidos

O poeta sabe
que *tolice é viver a vida sem aventura*
e que *os momentos felizes*
não estão escondidos
nem no passado e nem no futuro

Não sei lidar com a Morte
das pessoas anônimas
que jamais irei conhecer

Morrendo de tédio e de ciúmes
não quero que nada aconteça

Meu amor
não vai haver tristeza

Não sei lidar com a Morte
adormecida
no envelhecimento do corpo

Outros olhos e armadilhas
esses nem sabem de você

Precisamos aprender com a Vida
a aceitar
o nosso inevitável desaparecimento
porque as coisas não necessitam de nós

*os versos em itálico foram extraídos de músicas do compositor Antonio Cicero

Marcondes Jamacaru é poeta e contista. Publicou doze livros. Foi vencedor do 4º Campeonato de microcontos da Editora 3 Serpentes.

Antonio Cicero entre a música e a poesia

Renata Barcellos (BarcellArtes)

Antonio Cicero. Foto: Divulgação

"Para onde vou, de onde vim? / Não sei se me acho ou se me extravio"
(Antônio Cicero)

Antonio Cicero (nasceu em 6 de outubro de 1945, no Rio de Janeiro e faleceu em 23 de outubro de 2024, na Suíça) foi poeta, crítico literário, filósofo e compositor. Formou-se em filosofia na Universidade de Londres e chegou a lecionar na UFRJ. Ao longo de sua carreira, publicou diversas obras: "Guardar" (Editora Record, 1996), o poema com o nome da obra integra um dos cem melhores da Literatura Brasileira do século XX. Neste texto, Cícero apresenta a poesia como matéria a ser cuidada a fim de não perecer. "A cidade e os livros" (Editora Record, 2002) pode ser lido como uma declaração de amor aos livros. A sua poesia expressa a captura do "agora". Em "Livros de sombras: pintura, cinema e poesia" há o diálogo entre três artes: Artes plásticas, Cinema e Literatura (2010). E em "Porventura" (Editora Record, 2012), Cicero estabelece constantes interseções entre diversas áreas do saber: da estética à música, da epistemologia à teoria literária, da mitologia à linguística.

Por ser poeta e compositor, escreveu a crônica **Letra de canção e poesia** na qual expressa sua opinião a respeito desses dois gêneros textuais: "**Letra de canção é poema?** Essa formulação é inadequada. Desde que as vanguardas mostraram que

não se pode determinar a priori quais são as formas lícitas para a poesia, qualquer coisa pode ser um poema. Se um poeta escreve letras soltas na página e diz que é um poema, quem provará o contrário?"

Segundo Pascoal FARINACCIO, na singular poética de Antonio Cícero, persiste um "resíduo utópico" (expressão de Haroldo de Campos) por seus poemas conter uso reflexivo e autorreflexivo da linguagem. Trata-se de uma aposta no cultivo das letras e das artes como meio de se atingir a beleza. De acordo com o poeta-compositor: "Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema".

Conforme Paul Zumthor e Ruth Finnegan, as relações entre poesia e música são mais antigas que o próprio conceito de literatura, devido à natureza imbricada no fenômeno da oralidade de povos originários sem cultura escrita. Desde a Antiguidade greco-latina e da Idade Média, é notória a interdependência entre Música e Literatura. Na época medieval, por exemplo, os trovadores compunham seus textos poéticos – as cantigas – para serem cantados e acompanhados de instrumentos como a lira.

Com o decorrer do tempo e o advento de novas práticas formais, como as baseadas na estética humanista, os textos literários separaram-se da melodia, resultando em dois gêneros distintos: o poema, gênero literário, e a canção, gênero musical. Atualmente, questionamentos têm sido elaborados acerca das relações entre essas duas formas de expressão artística. Com a Pós-Modernidade, a poesia e música brasileiras expressam novidades estéticas em suas intersecções artísticas de identidade e diversidade. Assim, sob esse aspecto de interação artística é importante considerar: a relação pós-moderna de conceitos dialógicos estabelecidos entre essas duas artes.

Com 130 composições e 40 gravações cadastradas no banco de dados do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad), Antonio Cicero teve suas canções interpretadas por artistas de renome nacional, como Lulu Santos, Gal Costa, Ney Matogrosso, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Adriana Calcanhotto e Zizi Possi. Algumas composições mais ouvidas de Antonio Cicero: "À francesa": **Antonio Cicero**/ Claudio Zoli; "Último romântico": **Antonio Cicero**/ Lulu Santos / Sergio de Souza; "Fullgás": **Antonio Cicero** / Marina Lima; "Charme do mundo" Antonio **Cicero**/ Marina Lima e "Maresia": **Antonio Cicero**/ Paulo Machado.

A partir dessa breve reflexão sobre canção e poema na obra de Antonio Cícero, constatamos que, embora sejam gêneros distintos, há de se considerar a existência de semelhanças: elementos musicais como as pausas, a oralidade, a voz, o ritmo, associados a traços da poesia como a disposição das palavras na página, os jogos vocabulares, as camadas óticas, fônicas, morfossintáticas e semânticas... Na contemporaneidade, para explorar as diversas potencialidades de um texto, a de se considerar a nova relação com a linguagem e, consequentemente, com os gêneros textuais, a linha tênue entre Literatura e Música... Finalizamos com um fragmento de seus textos: «Para onde vou, de onde vim? / Não sei se me acho ou se me extravio. / Ariadne não fia o seu fio / à frente, mas atrás de mim. / Não será a saída um desvio / e o caminho o único fim?». E é esse questionamento sobre o caminho que impulsiona a linguagem poética do autor. Viva Antonio Cicero!!! Salve o "poemúsica"!!!

Eutanásia

A vida, a morte e o sofrimento humano são sempre assuntos complexos e difíceis de serem tratados. É inevitável: nascemos, sofremos e morremos. Essa é uma realidade pela qual todos passamos. Normalmente, não se aprecia a dor ou ver um semelhante agonizando. Quando se sabe que a morte será inevitável, por que não considerar a eutanásia? Não seria uma decisão pessoal como o fez Antonio Cícero Correia Lima (compositor, poeta, crítico literário, filósofo e escritor brasileiro)? Não seria um direito do cidadão ter um fim digno? É justo ver o outro definhando?

A eutanásia é uma prática existente desde os primórdios da existência do homem e parte, inclusive, de diversas tradições culturais. Por exemplo, na Antiguidade, outros povos também praticavam a eutanásia, como os celtas, que tinham o hábito de os filhos matarem os pais quando estes estivessem velhos e doentes. Na Índia, os doentes incuráveis eram levados até a beira do rio Ganges, onde tinham as suas narinas e a boca obstruídas com o barro. Etimologicamente, eutanásia significa boa morte ou morte sem dor, tranquila, sem sofrimento. Deriva dos vocábulos gregos "eu" que pode significar bem, bom; e "thanatos", morte. Nesse sentido, a palavra eutanásia significaria morte doce, morte sem sofrimento.

Este termo foi utilizado pela primeira vez pelo historiador latino Suetônio, no século II d.C., ao descrever a morte do imperador Augusto: "A morte que o destino lhe concedeu foi suave, tal qual sempre desejara: pois todas as vezes que ouvia dizer que alguém morrera rápido e sem dor, desejava para si e para os seus igual eutanásia (conforme a palavra que costumava empregar)". (SIQUEIRA BATISTA & SCHRAMM, 2004, p. 34). Séculos depois, Thomas Morus (um santo da Igreja Católica) defendeu a prática da eutanásia em sua obra **Utopia** (1516). Posteriormente, em 1623, no período do Renascimento, o termo "eutanásia" foi proposto por Francis Bacon, na obra *História vitae et mortis*, como o "tratamento adequado às doenças incuráveis".

Eutanásia é definida como o ato de provocar a morte de uma pessoa antes do previsto pela evolução natural da doença, por motivos de misericórdia. Existem dois tipos:

- Eutanásia ativa

  Ação que tem como resultado a morte sem sofrimento, por exemplo, injetando uma dose excessiva de sedativos.
- Eutanásia passiva

  Omissão de agir de prática médica que poderia prolongar a vida da pessoa, com o objetivo de diminuir o sofrimento prolongado.

A discussão filosófica sobre a eutanásia ressalta a condição do paciente como um fim em si mesmo, com dignidade e vontade própria invioláveis.

Francisco Imhof publicou, em 1928, a obra *Eutanásia*, uma fonte histórica importante para a pesquisa sobre o tema.

Atualmente, a morte assistida é permitida em quatro países da Europa Ocidental: Holanda, Bélgica, Luxemburgo e Suíça. Em dois países norte-americanos: Canadá e Estados Unidos, nos estados de Oregon, Washington, Montana, Vermont e Califórnia; e na Colômbia, único representante da América do Sul. E quando no Brasil será permitido?

A Holanda (um dos países mais liberais do mundo) foi a primeira nação a autorizar a prática da eutanásia, com uma lei

aprovada em abril de 2002. Dez anos depois, apenas Bélgica e Luxemburgo criaram legislações para impedir a condenação dos médicos responsáveis por garantir a "prática da boa morte" a pacientes em estado terminal ou vítimas de doenças incuráveis. Na Suíça, uma prática semelhante é permitida - o suicídio assistido, que atrai centenas de pessoas de outros países no que passou a ser chamado de "turismo da morte".

Conforme Adriana Freitas Dabos Maluf (professora de biodireito e membro da Comissão de Bioética da OAB-SP), a diferença entre as duas definições é: "no suicídio assistido, o médico ou profissional da saúde disponibiliza uma dose letal de medicamento ao paciente, que executa a própria morte. Já, na eutanásia, o médico é responsável pelo procedimento, que pode ser feito por meio de um remédio de via oral, uma injeção, entre outras formas de acelerar a morte". Para a pesquisadora, as legislações dos países que permitem a eutanásia apresentam algumas restrições: a morte só pode ser provocada em pacientes maiores de 18 anos, que estejam em estágio terminal ou sofram de um mal sem possibilidade de recuperação.

A obra **Heresia**, da escritora e psicanalista Betty Milan, focaliza o fim da vida e o modo como ele é tratado na sociedade ocidental. É um livro de ficção no qual ela aborda temas difíceis relativos à longevidade: a indústria médica, o suicídio assistido e a eutanásia. Na obra, ela questiona ainda até que ponto é legítimo o prolongamento da vida pela Ciência e de uma existência orgânica na qual a memória e a própria subjetividade já se extinguiram. A escritora sustenta que morrer é um direito e quem aceita a morte vive melhor. O livro foi escrito a partir do momento em que a mãe da escritora teve aos 97 anos uma queda e uma fratura que implicou em hospitalização.

Filmes que tratam a eutanásia são uma boa fonte de informação. Um deles é **Você não conhece o Jack** (You don't know Jack – 2010). Neste, é contada a história real de Jack Kervokian, um médico que realizava a eutanásia para pacientes em estado terminal e em sofrimento agudo.

No Brasil, a eutanásia é considerada crime. Porém, segundo o Conselho Federal de Medicina (CFM, resoluções n. 1.805/06 e n. 1.995/2012), permite a realização como forma de garantir mais autonomia para os sujeitos que se encontram na fase final de suas vidas. Dessa forma, o Conselho Federal de Medicina brasileiro aprovou a Resolução nº 1.805/2006 autorizando o médico a limitar ou suspender tratamentos em casos de doença grave sem possibilidades de cura. Que a eutanásia se torne lei no Brasil!!! O corpo é meu, a decisão é minha!!! Cada um deve ter o direito de "sair de cena", no momento que considerar "a hora". Ninguém pode mensurar a dor física e ou psicológica do outro. Sejamos humanos, tenhamos um gesto de solidariedade. Permita uma morte digna!!! Eutanásia, já!!!!! Viva Antonio Cicero!!! Por um fim digno!!!

Renata da Silva de Barcellos: carioca, professora de Língua Portuguesa, Literaturas e Produção Textual, escritora, pesquisadora, Pós-Doutorado em Língua Portuguesa e em Literatura Brasileira pela UFRJ. Publicou *Gramática contextualizada para concursos* e *Práticas pedagógica em Língua Portuguesa*, *Literaturas e Produção textual*, ebook Poesia Visual: *Tchello d Barros: olhos de lince*. Colunista do site Facetubes, da revista Voo livre, Catarsis e LiterArte SP.

Paisagem

Pintura sobre tela 40x60. Tinta acrílica.

Ferreira Lima é professor de Geografia. Um artista das cores e das belas paisagens.
Contato: (85) 989111739

Foto: Socorro Acioli – Divulgação

ESCRITORA DA GENTE

Vanice Ricardo do Nascimento

Ela encantou o ganhador do Prêmio Nobel
de Literatura.
Gabriel García Márquez, Gabo.
Com sua narrativa do ouvir.
Escutar o outro é tão revolucionário.

Ela gosta desse mundo místico
De personagens fortes
Histórias da gente daqui do Ceará
Narrativas reais com mistura de
sobrenatural.

De Caridade, uma cidade carente
Socorre o povo que tem fé
Socorro Acioli com Cabeça de Santo
Levou muita gente a conhecer nossa gente.

Socorro Acioli leva nossa história para o
mundo a fora
Leva a alegria da leitura
A magia da imaginação
Através da escrita ela deixa pessoas felizes.

E a obra Cabeça de Santo,
Da nossa escritora, vai além da escrita; vai
virar filme.
Voltar as suas raízes
A realidade e a imaginação nos cinemas.

Gabo desejava ver essa história em filme
Ele sabia do potencial de Acioli
E que as histórias mudam nossas vidas.
Com Fé, Amor e Literatura.

VANICE RICARDO DO NASCIMENTO - Professora e Poetisa. Tem texto publicado na revista7Fases e na Coletânea Mulheres Maravilhosas da Campanha Por Mais Mulheres Escritoras pelo Canal Sororidade. Tem poemas publicados pela Editora Contos livres e outras antologias. Prefaciadora da Antologia "O Grito Delas, A Voz Silenciada que agora ecoa". Pela editora Brunsmark. É autora do livro: VIDAS, pela Coleção Mulher Maravilhosa Volume 8. Edição da ALB Campos RJ GRUPO EDITORIAL E LITERÁRIO).

Revivendo a Torta de Banana

Luiza Pontes

"Dou valor as coisas, não por aquilo que valem, mas por aquilo que significam"

(Gabriel García Marques)

Para comemorar o Dia Nacional do Livro, em pleno 29 de outubro, decido tomar em mãos uma coletânea de contos de autores e autoras premiados que escolhi trabalhar em sala de aula. Além de ser escritora, sou também professora de Língua Portuguesa para os alunos do 1° ano do Ensino Médio de uma Escola de Tempo Integral e, desde 2009, levanto a bandeira do falar e divulgar a Literatura Cearense por meio de um **Projeto de Leitura**, tendo o conto como ferramenta do **Letramento Literário** para incentivar os alunos ao ato de ler.

Abro o livro "O Amanhã cheio de Histórias", da Editora FTD, na sua primeira edição, datada de 2021. De cara, deparo-me com o conto "Torta de Banana" da escritora cearense Socorro Acioli, em frações de segundos, lembrando de um curso que ela ministrou no Centro Cultural Banco do Nordeste, sobre Raquel de Queiroz, assim como do lançamento de um dos seus livros, no jornal O Povo, o quanto ela ficou conhecida pelas suas crônicas publicadas diariamente nesse mesmo Jornal, e uma vez por semana. O seu primeiro romance, "A Cabeça do Santo", datada de 2014, dez anos atrás, foi traduzido para os Estados Unidos, Inglaterra e França.

Tomo a liberdade de folhear o livro e descubro que a protagonista, coincidentemente, tem o meu nome, que herdou de sua mãe o dom de fazer a torta de banana, e, enquanto escrevia uma carta para o querido amigo Jorge, que, outrora, estivera em Jericoacoara, utilizou as mesmas formas de alumínio que sua mãe usava, mantendo viva sua memória, mesmo que o sol estivesse esturricando sua juventude de vinte anos, parecendo sua avó – uma Índia velha que adorava falar do passado. Luísa não aceita fazer sociedade com sua tia Neila para comercializar a torta de banana, nem aceita o convite das primas para ir embora para a Itália. Deixa as primas no aeroporto de Fortaleza, rompe o pacto de silêncio e busca o *Lugar Feliz da Alma*, proposto por Jorge.

Luísa estava plena, decidida em continuar sua trajetória. Pode até ser que visite as primas Marta e Marina na Itália. Vem guardando umas economias, mas, por enquanto, busca vivenciar cada momento dessa trajetória, relembrando os passos de sua mãe, morando na pousada, revivendo todas as reminiscências da sabedoria de preparar a torta de banana, e, um dia, como fez sua mãe, repasse a receita da torta de banana, sem escrever no papel, com medo de que alguém roube sua ideia. Tem a intenção de passar para sua filha esta arte culinária de preparar a torta.

Luiza Pontes – cearense, Administradora de Empresas, Professora, Pesquisadora, Escritora, Dramaturga, Atriz e Diretora Teatral. Participou de coletâneas e antologias com a Academia da Incerteza, com o Grupo Resistência Mandacaru, com a Revista Sarau. Trabalha com performances teatrais, com confecção de Scrapbook e participa de saraus da AABLA, da Revista Sarau, do Clube de Leitura Conversa, do Mulherio das Letras no Ceará, do Coletivo Lamparinas de Literatura Infantil e Infanto-Juvenil.

A Ressurrecta

Eduardo Fontenele

O romance "Oração para Desaparecer", de 2023, da escritora cearense Socorro Acioli, trata de uma protagonista feminina com um passado misterioso, que até ela mesma desconhece. Ela está desmemoriada.

O romance inicia com o surgimento de uma mulher de dentro da terra. Um casal a salva do túmulo. Ela estava enterrada viva. O casal Fernando e Florice percebe que ela está nua e sem cabelos. Outra coisa que percebem é que ela está confusa, não sabe seu nome e nem de onde veio. O cenário é o vilarejo de Almofala, em Portugal. Uma das várias Almofalas que existem na terra de Camões.

Logo o casal de portugueses descobre que ela é estrangeira, na verdade brasileira. Eles cuidam dela, pois está com alguns ferimentos pelo corpo. Após se recuperar dos ferimentos, ela passa a viver com o casal. Florice tem duas irmãs que vivem em Portugal. Eles decidem que Cida, ou Aparecida, a mulher misteriosa que foi nomeada assim pelo casal, vai viver na casa de Fátima, irmã de Florice. Na casa de Fátima, Aparecida conhece Jorge, por quem logo se interessa, e é correspondida, pois é uma mulher atraente.

Com o tempo, Cida descobre novidades sobre seu passado. Por exemplo, ela descobre que é uma Ressurrecta. Alguém que surgiu do nada, em outro local, sem nenhuma explicação. Ela também descobre que sua chegada já era aguardada há anos pelo casal, por Fátima e por Jorge.

Outra característica de Cida é que ela pode ver os Encantados, ou espíritos dos mortos, que vivem a vagar pelo mundo sem destino. Uma referência ao escritor mineiro João Guimarães Rosa, um dos autores que influenciaram Acioli, já que Rosa disse uma frase que ficou famosa em seu discurso na posse da Academia Brasileira de Letras. Ele disse: "As pessoas não morrem, elas ficam encantadas."

O livro de Acioli é polifônico, pois é dividido em três partes e cada parte é narrada por um personagem diferente. A primeira e a última partes são narradas pela protagonista. A segunda parte é narrada por Miguel, um amor do passado de Cida. Há trechos de livros, cartas, e a tal Oração para Desaparecer do título, que é exibida na íntegra ao final da obra.

O tempo passa e, Cida, já casada com Jorge, e vivendo em Portugal, contrata Félix Ventura, o vendedor de passados, para lhe providenciar um passado, e documentos, sem os quais não é possível viver no mundo moderno, com sua complexa burocracia. Ele lhe dá um sobrenome, ela agora se chamará Aparecida dos Santos Reis. Félix, na verdade, é um personagem criado pelo escritor angolano José Eduardo Agualusa, que Acioli pediu autorização ao autor para utilizar em seu romance. No romance de Acioli há várias referências a autores famosos. O cenário português onde boa parte da história se passa, e o Realismo Mágico, remetem a José Saramago. Outra referência à obra de Saramago são o Livro das Visões e o Livro dos Itinerários, que são citados em alguns momentos do romance da autora cearense. Pilar del Río, viúva de Saramago, autorizou a utilização das referências no livro de Acioli. O Realismo Mágico também remete ao colombiano Gabriel García Márquez, que foi professor de escrita de roteiros para cinema de Acioli, em curso que a autora fez em Cuba, quando o Gabo era vivo, em 2006. Outra referência é o moçambicano Mia Couto, que, além de escritor, é biólogo, como o personagem

Miguel. Este terá uma importância capital dentro da narrativa, a partir da segunda parte.

A narrativa de Miguel, um homem idoso, destrincha várias incógnitas sobre o passado de Aparecida. Que na verdade se chama Joana Camelo. Ela viveu na Almofala brasileira, que fica no litoral do Ceará. Miguel foi até a cidade para estudar os cavalos-marinhos da região. Esse animal também tem uma grande importância na narrativa, devido ao seu simbolismo romântico. Segundo o livro, os cavalos-marinhos vivem a vida toda com a mesma parceira, sem se incomodarem com o restante da população de sua espécie.

Uma grande tragédia ocorreu na Almofala brasileira que interrompeu a relação entre Joana e Miguel. Ela desapareceu por causa da Oração para Desaparecer que sua mãe adotiva, Malba, ensinou. Malba é a pajé da tribo dos Tremembés, que vivem em Almofala.

O fim da narrativa acontece quando Joana volta para Almofala, com Jorge, e reencontra Miguel. Os dois conversam a sós sobre o passado. Miguel finalmente terá paz em seu coração, já que reencontrou o amor de sua vida e agora cada um deve seguir seu caminho. Ele a deixou partir e permaneceu em Almofala com sua neta. Joana voltou para Jorge, após o falecimento de Malba, de causas naturais.

Outro elemento fantástico da obra é que Joana não envelheceu como os outros personagens da Almofala cearense. Passaram-se décadas desde o sumiço de Joana. Esta, quando voltou à sua cidade de origem, estava com uma aparência de possuir menos de trinta anos, enquanto Miguel já havia casado, tido filhos e netos.

Socorro Acioli é jornalista, poeta e professora de escrita e criação da Universidade de Fortaleza (Unifor). É pós-graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), além de mestra e doutora pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É autora de mais de vinte livros, entre eles, as biografias "Frei Tito" (2001) e "Rachel de Queiroz" (2003); o livro vencedor do Jabuti de literatura infantil, de 2013, "Ela Tem Olhos de Céu"; o premiado romance "A Cabeça do Santo" (2014); e o livro de poesia cujo título é "Takimadalar, As Ilhas Invisíveis" (2023). Existe uma adaptação para o cinema de "Oração para Desaparecer" sendo filmada. Aguardemos pelo resultado da empreitada.

Eduardo Fontenele é contista e romancista cearense de Fortaleza. É associado da ACE (Associação Cearense de Escritores). Lançou seu primeiro livro de contos, "Abstrações" (Autografia/2017), na XII Bienal Internacional do Livro do Ceará, em 2017, e no Festival Vida & Arte (2018), organizado pelo Jornal O Povo. A partir de então, lançou "A Morte de Benjamin Siegel" (contos), "O Andarilho Participou" (conto - Coletânea "Cenas para Escrever Teus Olhos"). Participa da Bienal Internacional do Livro do Ceará em sua XIV edição, em 2022. Participou da Antologia "Noites de Horror", com o conto "Saint Germain" (2023), da Coletânea "Entre Vampiros", com o conto "Entre os Túmulos", e lança seu primeiro romance, "O Mártir Excêntrico", pela Caravana Grupo Editorial, ambos de 2024.

CONTOS POTIGUAR

Acertando a mira

Afrânio Câmara

Ele mal acordava e já começava a ouvir as reclamações da esposa e das filhas. Você mirou bem esse negócio? Tem certeza? Levantou a tampa do vaso? Deixou tudo direito? Deu descarga? Baixou a tampa do vaso?

Às vezes respondia, dava explicações. Dizia que sim, que tinha caprichado na mira, mijado direitinho, bem no centro daquela água que fica no fundo do vaso... Que, mesmo assim, ao sair havia enxugado tudo, acionada a descarga, asseado tudo, baixado a tampa do vaso. A esposa ainda reclamava. Não gostava da palavra mijar. Que coisa feia, mijar, você não pode dizer urinar?

Ultimamente estava se cansando de tanta explicação, de tanta justificativa dentro da sua própria casa. Eram muitas mulheres e só ele de homem. Só ele mijando em pé. Ô dureza!

Chega. Resignou-se. Calou-se de vez.

Exausto, deixou-se vencer. Passou a mijar, ou urinar, ou verter água, ou fazer xixi, sentado! Seguiu a regra da mulherada. Banheiro, vaso sanitário, sentadinho, bem direitinho. Número um ou número dois, sentadinho!

No começo foi meio esquisito. Não tinha mais que segurar nada, tentar acertar o fundo do vaso, arregaçar, balançar no final da mijada...

O tempo passou na pequena cidade, e o coitado do homem ainda mais se resignou. Sem querer, às vezes, quando se dava conta já estava passando do número um para o número dois.

. . .

Certo dia, contorceu-se demoradamente. Esfíncter acionado ao máximo, não tinha mais o que esticar. Com cólicas intensas, passou a expelir do seu corpo, ainda quente, um jato de um líquido avermelhado, volumoso, insistente, como que envolvido com sangue.

Senhoras e senhores, era a sua menarca aos quarenta anos. Menstruou num domingo de abril, à hora do Ângelus, logo após a primeira badalada do sino.

Endereço

Afrânio Câmara

Saindo o féretro da rua dos desvalidos. O seu bebê primeiro. Praça da eterna saudade, bairro de miséria letal. Jovem mãe violada, publicamente desonrada, abandonada em decisão fetal.

Afrânio Câmara é autor potiguar. Exercita-se na literatura com os seus primeiros contos, ainda não publicados em livro. É Graduado em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Tem Mestrado em Letras, área de concentração em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

A esfinge

Ronaldo Rogério

Foto: Divulgação

A Esfinge Não Finge
(De quando o poeta pensava sobre o fim da política
E do sistema)
Emancipa-te
A esfinge não finge
Ela já devora seus filhos
Emancipa-te
Da escravidão mental
Como disse Bob Marley
Emancipa-te
Da servidão voluntária
Como disse La Boétie
Emancipa-te
De todo fetichismo
Como disse Robert Kurz
Emancipa-te
Do patriarcado moderno
Como disse Rosa Fonseca
Emancipa-te
Ninguém vai te salvar
Nem Deus
Nem rei
Nem herói
Emancipa-te
Ou te devoram!

José Ronaldo Rogério Alexandre é poeta, cordelista e compositor bissexto, um dos vencedores do 2º Concurso Paulista de Literatura de Cordel (SP), com o romance Mistérios do kaiakanga e, também, no 2º Concurso de Literatura de Cordel (Pe), com o romance "Foi-se o Tempo no Funil. Entre outras obras publicadas estão: A Carroça Atolada, O martelo do Cangaço I e II, Xaturanga, A lenda do Xadrez, Cordel do Fim do Trabalho, publicado também na França.

Nascer

Mad Rodrigues

Abre
Deixar o quente ar sair das vielas que atravessam a cidade
O vento passa por entre as memórias afetivas em baquirivu
Nasce um corpo todo antes das ruas inundarem de falácias
A luz virá ao girar a torneira anti-horário dos bairros secos e afastados
Fecha
Antes de gotejar pingos prum nada ocupado por armas
Cuspir sobre a calma que se arrasta aos bem votados
Indo aos rumos de outros desconhecidos que caminham feito moscas na matriz
Rendando a água em furta-cor
Espera
O mundo anseia por esse advento desde antes do asfalto
Um parto indo parindo a arrebentação das ideias retrogradas
Cheia de tesão no ato de estar atrapalhando as artes e os visuais
Aqui, Ali, acolá nesse chão de piçarra do interior do umbigo
Continua
Vem de cabeça para baixo e de costas nascer
Occipito-Anterior lhe trará um quintal silencioso e um jardim elétrico
Que chega cheio de barros para amassar e vaso ser florescer
Em xilo nasce folhas nos muros da cidade com recados
Abre
Fecha
Espera
e continua
Esse lúcido instante gira em torno do Sol
O tempo não tem torneira, é aberta, e jorra em jarro certo
Ao centro encrostado de bestas nos cabe por agora
Brotar aos montes
Nascer

Mad Rodrigues é um apaixonado pelas letras e artes. Escritor e poeta de longa caminhada.

Mulher, multifuncional - natureza - mulher

Giovanna Barros

Engolir o choro

Suprimir emoções

Fingir

Não sentir

Tudo bem?

Na verdade, não

Quem se importa?

Ninguém bate a minha porta

Não há ninguém pra fazer por mim

Tenho que fazer tudo

Dizer que sim

A todo custo

Doa a quem doer

Mas dói em quem?

Só eu sei

o quanto me dói

Digo sim mais uma vez

Queria dizer não consigo? Não

Natureza

Natureza

Beleza

Correnteza

Desmatamento

Queimadas

Tristeza

Esperança

Dança

Não se cansa

Mulher

Maravilha

Única

Leal

Humilde

Esperta

Rara

Giovanna Barros é farmacêutica e mestranda em ciências médicas pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Integra o coletivo mulherio das letras, mulheres poesis e clube de amassadores. Membro da Academia Independente de letras (AIL) e da Academia de Belas Artes do Rio Grande do Sul (ABARS). Instagram @giovannafba_ @giovannafba_escritora

Clics poéticos

Márcio Catunda

MISSÃO

Buscar os verdadeiros nomes das coisas,
na rarefeita
claridade das manhãs de outono.
Aquecer a alma nos frios dias de tédio.
Ir na direção do ígneo foco
cintilante,
que vaza
entre as nuvens cinzentas
e me chama os olhos,
através dos verdes ramos.

CIÊNCIA PERSONAL

Sou aquele santo pecador
de que as Sagradas Escrituras falam.
Sou também o teósofo pagão,
idólatra de todos os deuses.
Estou dividido entre esses dois caminhos.
Persisto numa teimosia
contra tudo e contra todos.
Para a minha síndrome existencial,
tomo vários remédios filosóficos.
O livro da vida é uma enciclopédia, da qual sou leitor inveterado.
Busco uma ciência que me ensine a fórmula do bálsamo da conformação.
Busco-me como uma lenda perdida e reencontrada.
Ando sob a luz mais estridente do Sol,
com o destino ancorado nas costas.

Márcio Catunda - escritor e diplomata, é membro da Associação Nacional de Escritores (Brasília-DF), do Pen Clube do Brasil (Rio de Janeiro), da Academia de Letras do Brasil (Brasília-DF), da Academia Cearense de Literatura e Jornalismo (sócio correspondente), da União Brasileira de Escritores (UBE-Rio de Janeiro) e da Associação Profissional de Poetas do Rio de Janeiro (APPERJ). Editou diversos livros de poesia, de prosa (alguns dos quais escritos diretamente no idioma espanhol) e discos de poemas musicados.

Sob palavras

Nonato Reis

Em palavras faço as coisas
Em tempos faço a distância
Em trabalhos faço os dias

Fiz distâncias
Fiz sofrimentos
Fiz pessoas grandes
Fiz outras menos

O céu cinza raro de agora
Como um véu
Separa-me do meu azul finito

Faço muito silêncio neste grito
Faço uma vida que caduca
... Sem ti
... Sem mim
... Sem nós mesmos

Caminho pelo passado
Corredores noturnos
Ruas soturnas
Salas com lousa
... Sem mim
... Sem vozes

São tantas horas
Não vejo
São tantos dias
Não vi
São tantos anos
... Sobrevivemos
Em braços já navegados
Em corpos não possuídos
Sombras
Sou sombra de meus pensamentos
Sou festejo de meus olhos

Tudo viram ...
Tudo testemunharam ...
Nada perderam ...
... do passado acabado em nada ...
Firmina
Socorro
Florbela
Não viram minha visão de ti
Nem Cícero entendeu

Nonato Reis - Professor de língua português, arquiteto, desde o século passado

Devaneios

Gerson Augusto Jr.

Entre as flores mensageiras
das fragrâncias da primavera
E o azul do firmamento,
meu olhar balança tateando
fios invisíveis que sustentam
os mistérios do mundo....

A voz circulante do vento
segreda os encantos daqueles
que possuem destino aéreo...

Aprendi com o vento a acolher
o efêmero para saber
das permanências
E nada esperar do que
não plantei…

Sou feito de memória
E carrego lembranças imperecíveis
Aquelas que atravessam
as fronteiras das eras
Invadem meu presente
para dizer de onde venho

Às vezes o passado apresenta
apelo irrecusável
No tear da memória
terço redes de recordações
E manuseio novelos de
vivencias tingidas
pela habilidade do
tempo

Gosto de devanear
E me entrego aos devaneios
para saber quem sou
Refaço os caminhos por onde andei
compondo o enredo da vida….

Minha alma desconhece Cronos
anda no ritmo afetuoso de Kairós
E vaga para reencontrar
o que a memória guardou...
Nas asas dos sonhos
exploro distâncias
que a vigília não alcança...

Andei por terras distantes
onde brotam as alegrias
das frutas silvestres
hábitos camponeses
a mansidão das ovelhas
o coro insistente das cigarras
nas tardes mornas de verão
E o inconfundível outono
vermelho dos plátanos

Fui acolhido em casas medievais
nas cidades muralhadas
Cantei canções de amor
em grupos de menestréis

Vesti armaduras de guerra
ergui espadas
duelei solitário com minhas certezas
E os caprichos enganosos do meu ego
Adormeci nas florestas habitadas
por duendes,
fadas protetoras
pirilampos bordando
pontos luminosos
no silencio da noite...

Desconfio do imperativo
do descartável
E da obsolescência definindo
o ritmo do viver....

Tenho apreço pelo movimento sem pressa
A contemplação desinteressada
As crianças descobrindo palavras
O cheiro de café perfumando o desjejum
O rouxinol abrindo a manhã
com sua chave sonora
E o pôr do sol fechando o entardecer

Há muito abandonei incertezas
Deixei na beira mar
o chamado das conchas
E castelos de areia
Sigo nas veredas
que abro na direção do que virá...

Às vezes abraço a solidão
Procuro calar todo pensamento
para evitar as armadilhas
E os enganos da razão
Busco ampliar os sentidos
Escutar a voz do silêncio
E receber o que o coração sabe

Hoje não quero fazer nada,
exceto brincar feito criança
para reencantar o mundo
acolher a delicadeza lilás das petúnias
E manter a distância necessária
dos homens sórdidos….

É lua cheia…
O manacá floresceu
Um novo perfume está no ar

Hoje não quero fazer nada…

Gerson Augusto Jr. nasceu em Fortaleza em 1966. É antropólogo e professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Participou de coletâneas literárias e concursos de poesia. Teve seus poemas selecionados pelo concurso literário do Ideal Clube nos anos de 1998 e 2001.

XILOGRAVURA E ARTE NAIF

Nonato Araújo é um artista autodidata que desenvolve uma linguagem pessoal e original de expressão. Membro fundador da Academia Bernardense de Letras e Artes (ABELA). Contato: (85) 98738-3650

Néia Gava

Contato: neiavgava@hotmail.com

Em mais uma edição da Revista Sarau, a Coluna Escritoras Cachoeirenses marca a sua delicada presença, com textos de escritoras tão sensíveis quanto fortes.

O coração humano

A mãe batia só nas galinhas. Depois, eu nasci. Eu era menina e já sentia saudade delas quando morriam. Cada uma canta do seu jeito, risca o chão com ciscado diferente, bate as asas bem aberto, ou assim, cambotinha, mostrando as penas pra gente ver. Eu sinto saudade delas, sim. Os olhinhos miúdos. Pescocinho careca. A mãe chupa os ossinhos do pescoço fazendo barulho.

O primeiro enterro que eu fiz foi debaixo do pé de limão. Nem teve velório, foi só enterro mesmo. Uma rolinha que o gato comeu só a asa, espalhou as penas pelo terreiro todo e depois largou a coitada despedaçada. Eu não consegui ver. Virei o rosto pro outro lado e saí correndo. Mas me deu um aperto, uma tristeza tão doída, a rolinha lá, sozinha e sem asa, e já ia anoitecer. Voltei no mesmo pé que tava fugindo. Catei o corpinho mole e fiquei zanzando, procurando um lugar pra ela descansar. Ela só tinha eu. Eu não podia faltar.

Depois da rolinha, perdi as contas. Enterrava sanhaço, gato envenenado, outras rolinhas. Galinha não, delas só sobrava osso. Cachorro foram só dois. Fiz velório pro Jagunço, tadinho, tava velhinho quando morreu. Tava igual ao dono, seu Manoel Tinoco. Não demorou muito pra ele ir também. Perdeu o companheiro, daí emborcou a cabeça, arriou coluna, espinhela, não teve jeito, não. O outro era vadio, passava na minha porta dia sim, dia não. Eu chamava ele de Zé Chouriço, porque ele tinha cor de chouriço. Mataram na paulada, na covardia. Pra ele, catei até flor. Gambá enterrei só um. Os dentinhos afiados, tava morto e tava rindo.

Dia desses, comecei a ter sonho ruim. Eu corria, corria, com a rolinha na mão. Não era qualquer rolinha, era a primeira que enterrei. Ela era roliça, mais clarinha, sei que era ela. Em todo sonho ruim eu tô correndo. Teve outro, eu pulava uma cerca e ficava perdida, num pasto. Tinha um homem com cabeça de boi, eu não via ele, mas ele queria me pegar. Eu gritava "mãe!" e puxava a saia dela, igual eu fazia quando era miúda. Mas a mãe aparecia com a machadinha e me deitava no tronco de corte.

Fui ver Dona Cecília, a benzedeira. Me custou duas meiotas e os souza paiol que achei em casa. Me lavou com água de bacia e me deu três goles da garrafada que ela faz. Adiantou foi nada. Voltei de novo, dessa vez sem pagamento, tinha outro sonho pra contar. Acordei colenta, tinha mijado na

cama. Tava lá o cabeça de boi, o Jagunço, o gambá risonho, o pasto cheio de cercas e a mãe. E o machado da mãe. E meu pescoço tinha virado pescoço de galinha.

"Sonho é labirinto, fiota. Dê conta de acordar." E Dona Cecília disse mais nada. Assuntei por aí, ninguém me explicava o que é labirinto. Seu Deocleciano me ofereceu um corte de tecido e uma chaleira pra eu dormir na casa dele. Disse que lá não tem sonho ruim. "Questão de tempo, bichinha… logo, logo, você fica igual sua mãe…" e fez o mesmo barulho nojento que a mãe faz quando chupa osso.

Não tenho medo de enterrar os bichos. Cuido deles na vida, cuido deles na morte. Ela bate, eu cuido. Tenho medo é de ir dormir. Medo de sonho ruim, do cabeça de boi. Do labirinto da Dona Cecília. Tenho medo que de tanto dormir e acordar, num dia o sol vai raiar e vai ser minha vez de cortar pescoço. Tenho medo do Seu Deocleciano. Tenho medo de virar a mãe.

Olivia Avelar nasceu e vive em Cachoeiro de Itapemirim, ES. Formada em Letras e pós graduada em Filosofia, é professora, colunista de literatura, organizadora do Escritoras Cachoeirenses, Mediadora do Clube de Leitoras e escritora membra da Academia Cachoeirense de Letras. Em 2022, lançou seu primeiro livro – Azul da Prússia – pela editora Folheando.

Erupção

Às vezes, o pensar se torna tão grotesco.
Às margens de uma luz vinda do céu da escuridão do teu desejo.
A mente falha, a voz que cala...
Numa triste solidão de águas que anseiam passar...
Acredite! Sei o quanto é difícil viver, mas o viver, o que é?
A vazia solidão da mente calada que se esvai...
Se esvai para a cama calma e leve como uma pluma...
Não quero pensar, nem me expressar... Quero calar-me!
Sinto a vontade de dizer o que sinto, mas o que eu sinto?
Já não sei dizer o que é...
São mentes vazias, póstumas...
Sei o quanto o desejo me afeta... Sei o quanto isso me cala...
Sabe a vontade de me expressar? Já não sei como o fazer.
Ao vento, jogo-me aos abraços de quem me queira bem...
Mas olha, não há alguém... Há hoje a solidão que me invade...
Sinto-me só, vazia e aos prantos. Sinto-me quente, escorrendo
em meio aos cantos...
Vi e ouvi, de muito, já nem sei... Mas vi e ouvi do quanto me maltrataram...
Vida, é assim? Na semente de uma planta, que nasce uma cachoeira cheia de ceias brandas...
Vinte e sete, eu já sei. São os anos que eu plantei, vindo de todos os lados igual a uma velha que se cansa...
Um riso que se reinventa, um olhar que se abre ao mundo...
Uma boca que se fecha e uma mente que se quer um tudo...
Sentimentos são assim, como uma flor que brota num jardim...
Cheios de esperança, livres de cansaço e de tristes lembranças...
Pensar não é com ela, viver o é sempre! Ser alegre e sorridente, viva e cheia de presentes...
Ouça, a luz já chega a brilhar com seus brancos espelhando, assim é que se há...
Há de vir, há de ser, há de ter...
Sempre leve, sempre em frente, sempre sendo, de repente...
E para o final, não há o que se pôr, seja luz, seja amor...
O que se tem é o que se carrega, nas lembranças de uma vida, na semente de uma crescente.

Eliane Nunes. Formada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e graduanda em Psicologia. Apaixonada pela leitura e pela escrita.

Cor da pele

Gosto de observar as pessoas, tenho um lado psicóloga que nasceu comigo, observo os porquês atrás das ações, reações e palavras.

Gosto de ouvir suas histórias de vida, e considero cada uma delas importantíssimas.

Penso eu que, cada história é marcante e, por isso, observo as pessoas e busco entender suas histórias e como essas histórias as marcaram.

Cada vez que alguém começa a discorrer sobre sua vida, sinto a mesma paixão de ter aberto um novo livro e, talvez por isso, eu goste de registrá-las para que, de fato, não morram, mas antes se tornem partes de um livro.

Essas histórias, creio eu, ajudam a moldar minha personalidade, é como se fossem os capítulos do livro da minha vida. Então, vou registrar aqui um desses capítulos.

Numa quarta de outubro, logo após a pandemia, eu saí para trabalhar, pois precisava me deslocar de Cachoeiro de Itapemirim até Castelo. No terminal rodoviário, eu esperava o ônibus, às 8:00 horas da manhã. Algumas pessoas, ainda receosas com o susto da COVID, mantinham uma certa distância e, em respeito, me sentei a uma distância de trinta centímetros de uma senhora preta. Ao lado dela, bem juntinho mesmo, estava um senhor branco. Não demorou mais do que dois minutos para que ele puxasse conversa, nem me lembro o assunto. Era um homem inquieto, se sentava e se levantava, conversava aberta e livremente. A senhora começou a participar da conversa, e não pude deixar de observar que, ao contrário do homem, ela tinha o olhar triste, comportamento muito tímido e retraído e não tinha nada de alguém livre.

Aos poucos, a conversa se tornou mais íntima, o falante homem dizendo que a bela senhora preta a sua frente era sua esposa, que ela morava no Rio de Janeiro e ele fora buscá-la. Eu, que adoro uma história, tive meu interesse aumentado, repentinamente. Dividia minha atenção entre ele e a esposa. Aos poucos, a esposa começou a falar um pouco mais, embora ainda tímida, e me relatou como se conheceram. Ele, morador de Castelo, ela, do Rio, e como decidiram viver juntos e ela veio com ele. À sua frente, com seu jeito agitado, ele confirmou a busca por ela, o encontro e o tempo juntos.

Vi seus olhos brilharem, aquele homem a amava, achei lindo, amo uma história de amor. Foi então que ela me falou sobre os dois filhos que ficaram no Rio, sobre os três netos e me disse uma frase que doeu.

— Meu filho está no Rio, sabe moça, ele é preto, mas é um homem muito bonito. Naquele momento, percebi claramente a diferença entre o homem branco livre e a mulher preta que cresceu sem liberdade.

Já ouvi muitas vezes a frase:

"Ah, é porque eles têm preconceito contra eles mesmos."

Não é preconceito, é dor registrada na alma.

Eu respondi, sinceramente:

— Eu tenho certeza de que seu filho é um homem muito bonito, a senhora é uma mulher muito bonita.

Ela sorriu, descrente, não conseguiu nem agradecer. E eu passei a viagem pensando... aquela mulher passou a vida vendo as pessoas olhando para seu filho e fazendo piadas maldosas, cresceu vendo no olhar das pessoas o mesmo, ao ponto de acreditar que sua pele, a pele do seu filho, não os tornaria bonitos. Mas, antes de entrar no ônibus, vi o homem retirar algo do rosto dela, e pude ver que, ao olhar para ele, havia nos olhos dela o brilho que havia nos dele. Pelo menos, ela sabia que era amada, pelo menos por agora.

Mércia Souza. Descobriu sua paixão pela leitura e escrita aos 12 anos, na casa dos Braga. Atualmente, autora de dois livros publicados e participação em três antologias, também participa de inúmeros projetos de apoio a novos autores e mulheres empreendedoras.

Chá literário da tarde

Numa tarde ensolarada de sábado. Dia em que as coisas se aquietam um pouco. A mansidão permite momentos apaziguadores. E eles lá: um encontro. Um chá da tarde. Livros sobre a mesa, ao centro da conversa.

Apenas um dedo de prosa. Diálogos divertidos, outros nem tantos, mas sóbrios. A sensatez literária coroa aquele momento. E as discussões são realizadas com olhares de tensão pela dor da sociedade, que assola grupos.

Conceição Evaristo inicia a prosa falando sobre as questões sociais, culturais e políticas, especialmente aquelas relacionadas às vivências da população negra no Brasil. E como se esquecer desses assuntos, se estão tão presentes? Tão ao nosso redor?

Maria Firmina, tão entristecida quando Conceição, enfatiza as vivências da população afro-brasileira, com tantas agruras e mazelas numa sociedade do século XXI. Quantos dissabores.

Entre um chá e outro. Uma prosa e outra. Uma lágrima e outra. Um sorriso e outro. Cada um demonstra a sua esperança em dias melhores, numa sociedade igualitária e justa.

Florbela Espanca, tão intensa e sentimental, envolve a prosa com sua expressão sentimental, profunda e complexa, acentuando que a sociedade vive um discurso mascarado, escondendo as chagas sob políticas sociais.

Socorro Acioli, tão preocupada com as questões sociais quanto os demais nesta prosa, analisa as versões apagadas da história do país, e aborda temas como identidade, memória e resistência.

Antônio Cícero, após as análises argumentadas sobre as mazelas da sociedade, reflete uma preocupação com questões sociais, políticas e culturais, e busca dar voz a grupos marginalizados, trazendo à tona histórias que, muitas vezes, são apagadas ou esquecidas, propositalmente.

E o chá literário não termina por aí. As análises sociais são intermináveis. Os escritores, ricos em sentimentos pelas dores do mundo, que carregam em suas obras, eternizam suas reflexões em cada entrelinha lírica.

Néia Gava - Especialista em Letras: Português e Literatura. Escritora e Poeta. Coautora de sete Antologias Poéticas publicadas. Membro do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta. Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante. Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro. Colaboradora e membro do Conselho Editorial da Revista Sarau (CE-Fortaleza). Membro do grupo "Escritoras Cachoeirenses". E membro nº001039 da Academia Internacional de Literatura Brasileira - AILB.

COLUNA ENTRE MALDITOS E MARGINAIS

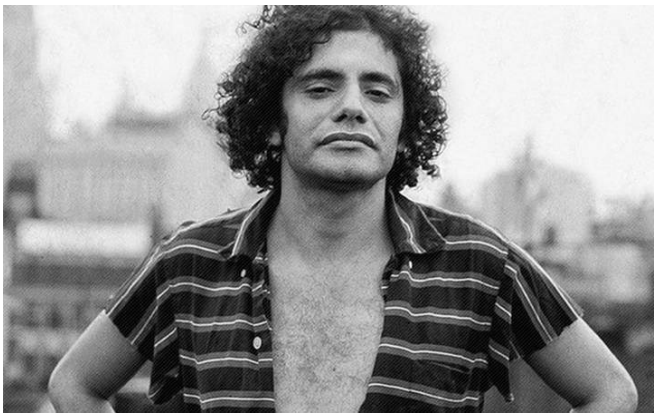
Péricles Melo - periclesmelo772@hotmail.com
Rangel Flor - rangelflor433@gmail.com
Eduardo Fontenele -robertoeduardo33@gmail.com

Waly Dias Salomão:

A Resistência que sobrepôs a Ditadura Militar

Rangel Flor

A poesia marginal ganhou forma graças à subsistência cultural e política nos anos de 1970, sendo um dos alvos de perseguição durante o regime militar e da censura à liberdade de expressão. Podia ser formal, irônica ou composta por elementos do cotidiano. De todo modo, era entendida pelo Governo como uma verdadeira ameaça aos valores da sociedade.



Waly Salomão – Foto: divulgação

O período marcou a opressão política por desigualdade social e perseguição a toda expressão poética e artística que se opunha ao regimento fascista.

O autor marginalizado era aquele que fugia das obras-padrão ao criticar e se opor a elas por meio do círculo comercial de livros, panfletos e cartilhas, mas estando fora do circuito comercial da grande indústria do livro por não pertencer aos moldes do movimento atuante daquele regime.

A valorização da linguagem periférica teve um olhar de denúncia para as atrocidades em que a população foi emersa. Tratava-se de uma linguagem própria e necessária para o novo movimento, que se tornou atuante e feroz, além de uma crítica social ao conservadorismo da sociedade que apoiava o regimento da época.

Muitos jovens intelectuais aderiram ao movimento que tinha como objetivo a repressão à violência dos anos 70. Homens e mulheres se juntaram na nova valorização da linguagem periférica, tendo um olhar para as atrocidades a

que foram submetidos naquele contexto social.

Waly Dias Salomão era um destes artistas subversivos. Estimulava a inteligência e o senso crítico, promovendo o raciocínio lógico sobre as coisas que aconteciam. Esse tipo de pensamento, além de ser uma afronta para o regime atuante, era uma ameaça para a população, que carecia de direcionamento sobre os acontecimentos do Brasil, já que tudo ou quase tudo passava pelo crivo da censura.

Salomão nasceu em Jequié, Bahia, no dia 3 de setembro de 1943. O escritor, compositor e ator fez teatro na Universidade da Bahia, em 1963/1964. Graduou-se em Direito, mas nunca exerceu. Ficou considerado uma figura importante no meio artístico, especialmente no Movimento Tropicalista do Brasil e fez o que se chamava na época de contracultura, no final dos anos 60 e 70, sendo preso pela Ditadura Militar em 1971 "por portar uma banana de fumo", como declarou em uma pequena cela no Carandiru. No mesmo período, arranjou inspiração para o seu livro contracultural "Me segura que eu vou dar um troço" (1972), obra censurada e depois publicada após um ano de sua liberdade.

Teve cargos importantes como presidente da Fundação Gregório Matos, vinculado à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secult); secretário nacional do Livro e da Leitura no Ministério da Cultura, a pedido do amigo Gil, ministro da cultura.

Fez trabalhos importantes ao lado de Gal Costa, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil, dentre vários artistas renomados, consagrando carreira e fama.

Foi diretor artístico do show "Fatal - Gal a todo Vapor", de Gal Costa, 1971. O artista publicou ao todo 7 livros. Dentre eles, "Gigolô de bibelôs" (1983) e "Armarinho de miudezas" (1993).

O Autor morreu precocemente em 05 de maio de 2003, vítima de um tumor no intestino, aos 59 anos, no Rio de Janeiro, deixando um legado de admiração e respeito por seu vasto conhecimento literário.

A guerra dos corpos

Péricles Melo

te dou um estupor de pensamentos, como águas sujas.
te dou um cérebro intelecto lúcido e ativo
teus olhos cheios de pólvora da guerra
tua visão cristalina em nuvens que te guiam a oásis de primavera
tua boca cheia de vernáculos mal falados
linguagem estúpida insana
não fales mais enganosamente na minha ausência, boca fechada não entra mosca podridão no ar cheiro de avareza social, ar impregnado

te dou um ar puro um sopro da vida
tua cabeça baixa, teu desânimo e choro
levanta a cabeça eis filho dos deuses,
estrelas entre as estrelas
ombros em escalas de trabalhos escravistas
aliviar o peso do jugo dois bois emparelhados
força nos lombos e tendões suportando todo o fardo depositado
ossos das tuas costas medula nos ossos e na espinha dorsal
nadadeira da dorsal Atlântica.
peito cheio de tristeza amargurado da melancolia
conheci nesta mesma noite princípios puros e virtuosos
meus órgãos vitais parando buscando cumprir suas funções
minhas mãos portam uma espada flamejante da verdade e virtude
força do fogo filosofal, princípio transformador alquimia do sol na pele
meu pomar encheu a terra com seus frutos
minhas pernas e meus pés migraram para outros planisférios
o fruto era doce, eu corri sem cansar, caminhei sem parar
saiu a caminhar em caminhos silvestres
na noite sinto o cheiro das plantas quem indica um novo dia chegando.

A morte de Benjamim Siegel

Péricles Melo

Logo de início, o segundo livro de contos do cearense Eduardo Fontenele, A morte de Benjamim Siegel, faz várias referências ao escritor tcheco Franz Kafka, morto há 95 anos, que até hoje é fonte de inspiração para escritores do mundo todo. Não só no primeiro conto, que traz o nome do título do livro, mas ao longo de outras narrativas, você, leitor, vai encontrar pequenos traços que remetem a Kafka, seja em suas obras ou na figura do próprio, que atua como personagem e até como um fantasma em um dos contos.

Eduardo Fontenele entra com sua literatura fantástica na colulobotomia?itos, a revista sarau também contempla a prata da casa, em uma sociedade de muita competição de uma cultura agressiva a escrita de Fontenele faz lembrar os roteiros de Tarantino e de Frank Muller onde vomita em cima da sociedade tudo que ela transpira, por meio de um consumismo agressivo e a falta de amor das pessoas, retrato dos grandes centros urbanos feminicídios são descritos, sociopatias e novos heróis da lua nova, antropofagia quem dera os Tupinambás são santos nessa sociedade moderna onde verdadeiros psicopatas são tratadas como heróis, o livro é um soco no estômago onde mostra a violência tanto simbólica como o estado mental diluído da sociedade de consumo, onde disfarça sua violência mediante uma cortina hipócritas, podemos sentir a ultra - violência na laranja mecânica moderna, onde seu novo entretenimento e ver alguém

agonizando até morrer quem se habilita a entrar na fila da lobotomia?.
Ciber.

O Caçador de Androides, lançado em 1982, no mesmo ano em que Dick faleceu. O Roy Batty de Como Lágrimas na Chuva é um androide já cansado de perambular pelo mundo, e ele está em busca de uma maneira de como morrer. Mesmo tendo sido criado para a eternidade, o autor nos mostra, mais uma vez, que o fim chega para qualquer um, até mesmo para um ser feito para durar além da humanidade. Ele quer a liberdade e encara que só vai conseguir com a morte. Ninguém menos que o próprio escritor Philip K. Dick, seu criador, para pôr um fim nele. Uma narrativa que também mistura a ficção e a realidade, divagando sobre a crise existencial e a morte, como essas duas coisas podem ser inspiradoras para as artes. Na ficção científica A Outra Consciência, que se passa em um Brasil pós-apocalíptico, em que a humanidade ficou ameaçada depois de um desastre ecológico, o mundo se tornou uma pangeia. Vivemos na Paradise Lost. O conto é a fusão de um dos maiores mitos da humanidade: Jesus Cristo. E o outro é o monstro Frankenstein da escritora britânica Mary Shelley. Um ciborgue chamado Dimas Arquiteto, com corpo de robô e cabeça humana, começa a achar que está deslocado naquele mundo, é visto como uma aberração pelas outras pessoas e pede para seu pai, José, trocar sua cabeça para uma que se ajuste mais ao seu novo corpo. Com um desfecho melancólico, a história ainda cita discretamente um poema de Edgar Allan Poe.

As Histórias Macabras de Horacio Quiroga

Eduardo Fontenele

O livro de contos "A Galinha Degolada e Outros Contos, Seguido de Heroísmos (Biografias Exemplares)", do escritor uruguaio Horacio Quiroga, trata basicamente de tragédias envolvendo personagens fictícios e reais.

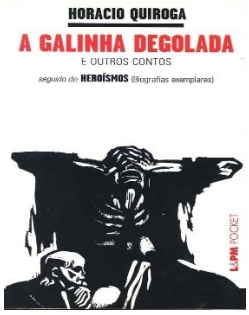


Foto: Divulgação

O livro de bolso, da L&PM Editores, é dividido em duas partes: a primeira metade trata da obra ficcional do autor e a segunda metade trata de narrativas biográficas de personalidades históricas, com ênfase em aventureiros, escritores e cientistas. O livro traz 6 contos de terror e 18 narrativas biográficas.
As narrativas ficcionais foram publicadas na revista "Caras y Caretas". Já as narrativas de cunho histórico foram publicadas em jornais da época em que o autor viveu.

Entre as narrativas reais, há um personagem que era caro ao autor uruguaio: o contista e poeta norte-americano Edgar Allan Poe. Poe foi a grande influência de Quiroga. Percebe-se nitidamente a influência do americano na ficção de Quiroga. A influência se dá no pessimismo, no apreço pela visão sombria da vida. Na obra de Quiroga, o elemento sombrio pode se dar no seio de uma família onde quase todos os filhos sofrem de retardo mental; na persistência de dois fantasmas que vão todas as noites ao cinema para assistir ao mesmo filme; em uma doença misteriosa

que ceifa a vida de uma pobre mulher; num feminicídio praticado por um marido humilhado; num homem guloso morto pelas temíveis formigas carnívoras conhecidas por "correição"; ou na morte provocada pela asma de um juiz de paz indígena que teve seu dinheiro furtado misteriosamente.

Os ensaios biográficos do livro tratam de escritores usuários de drogas, como Poe e Thomas De Quincey; de aventureiros de caráter duvidoso, como Lope de Aguirre – Aguirre teve um trecho de sua vida retratado no filme alemão "Aguirre, A Cólera dos Deuses", onde foi interpretado pelo ator Klaus Kinski e dirigido por Werner Herzog -; de personalidades que viveram as agruras da pobreza, como Richard Wagner e Robert Fulton; dos altruístas Louis Pasteur, Horace Wells, Semmelweiss e Robert Scott, que dedicaram suas vidas a um ideal; dos aventureiros heroicos René Caillé e Richard Lander; da dignidade do poeta Rubén Darío e do revolucionário Condorcet; do idealismo de Edmund Cartwright; da obstinação do advogado espanhol Juan Vadillo, em busca da cidade mítica de Eldorado e de Bernard Pallissy; e da generosidade de Laplace e Biot.

Quiroga tratou tanto em seus ensaios quanto em seus contos de personagens que foram de alguma forma postas à margem da sociedade, algo que pode ser encontrado na literatura de autores como o norte-americano Jack Kerouac. Eis uma bela reflexão de Kerouac sobre os marginalizados:

"As únicas pessoas que me interessam são as loucas, aquelas que são loucas por viver, loucas por falar, loucas por serem salvas; as que desejam tudo ao mesmo tempo. As que nunca bocejam ou dizem algo desinteressante, mas que queimam e brilham, brilham, brilham como luminosos fogos de artifício cruzando o céu."

A vida de Quiroga foi tão interessante quanto seus contos. Ele perdeu o pai, Prudêncio, devido a um disparo acidental de arma de fogo. Depois, seu padrasto cometeu suicídio, em 1896. Seguido de outro tiro acidental, só que partindo da arma do próprio escritor, que vitimou o poeta Federico Ferrando, em 1902. Casou-se em 1909 com Ana María Cirés. Seus filhos Eglé e Darío nascem entre 1911 e 1912. Entre 1915 e 16, Ana María, sua esposa, se suicida com veneno. Em 1926, conheceu sua segunda esposa, María Elena Bravo. Teve outra filha em 1928. Após um diagnóstico de câncer gástrico terminal, o escritor suicidou-se com cianureto, em 1937. Em 1939, suicida-se Eglé sua primeira filha. Em 1954, suicida-se Darío, seu segundo filho. Em 1989, suicida-se María Elena.

Colunistas:

Péricles Melo é professor de História e autor do livro de poemas "Antes do orvalho: poesia no rosto" (2022).

Francisco Rangel Pinho Furtado é natural de Pentecoste, Ceará, e autor do livro "Luto Coletivo" publicado em 2023. Também é romancista, cronista e poeta. Formou-se em Ciências Religiosas pelo Instituto de Ciências Religiosas (ICRE).

Eduardo Fontenele é contista e romancista cearense de Fortaleza. É autor do livro A Morte de Benjamin Siegel" (contos), "O Andarilho Participou" (conto - Coletânea "Cenas para Escrever Teus Olhos"). Participa da Bienal Internacional do Livro do Ceará em sua XIV edição, em 2022. Participou da Antologia "Noites de Horror", com o conto "Saint Germain" (2023), da Coletânea "Entre Vampiros", com o conto "Entre os Túmulos", e lança seu primeiro romance, "O Mártir Excêntrico", pela Caravana Grupo Editorial, ambos de 2024.

COLUNA CLICS DO SERTÃO

José Roberto Morais
Contato: joserobertos2013@gmail.com

A Coluna Clicks do Sertão apresenta a arte da palavra de Conceição Evaristo, Maria Firmino dos Reis e Florbela Espanca.

I – CONCEIÇÃO EVARISTO: NOTÁVEL PROFESSORA

Nasce Conceição Evaristo
Na linda Belo Horizonte
E naquele ano previsto
Josefina foi a fonte.
Nascida em quarenta e seis
Irmã de Maria Inês,
Maria Lourdes e Angélica;
Sem contato com o pai
Da lembrança nunca sai
Essa displicência bélica.

Seu padrasto responsável
Pela sua criação
Sua mãe muito amigável
Cumpriu sua obrigação.
Aos sete anos de idade
Com a tia, na verdade
Decidiu e foi morar;
Aos oito, como empregada
Doméstica, organizada
Começou a trabalhar.

Em sua vida escolar
Às escolas, frequentou
E depois de se formar
Professora se tornou.
Lá no Rio de Janeiro
Veio o diploma primeiro
De "Letras" bem registrado;
Seguindo sua carreira
Em "Literatura Brasileira"
Concluiu o seu mestrado.

Começou escrever versos
Mergulhou na poesia
Construiu mundo diversos
Na ficção com maestria.
Professora competente
Na sua trilha docente
Fez estudo aprofundado;
Suas aulas ministrando
Escrevendo e trabalhando
Paralela ao doutorado.

Ensaio escreveu também
Em magna publicação
Sempre trabalhando bem
Destaque na produção.
O sucesso trouxe a vez
Traduzidas em francês
Com temas sempre atuais;
Uma amante da leitura
Prêmio de Literatura
Destaque em Minas Gerais.

"Poemas de Recordação
e Outros Movimentos"
Produziu e fez "Canção"
Prosa de conhecimentos.
Em seus "Becos da Memória"
Escreveu suas "Histórias
De leves enganos" narrou;
Memórias dos ancestrais
Desigualdades sociais
"Olhos d'água" registrou.

II – MARIA FIRMINO DOS REIS: MAGNA ESCRITORA

Nasceu Maria Firmino
Dos Reis, a pioneira
Neste solo nordestino
Escritora brasileira.
E na América Latina
Essa brava nordestina
Com sua voz importante;
Pioneirismo nato
Teve seu estrelato
Nessa arte tão relevante.

No ano da Independência
Dessa Pátria acolhedora
Maranhão por residência
Nasce a magna escritora.
Voz de indignação
Contra a má escravidão
Contra o povo praticada;
Enfrentou esse problema
Liberdade foi seu lema
Sua busca almejada.

Sua tia a criou
Em melhores condições
Estudando se formou
Cumprindo suas lições.
Ao ver na literatura
Uma opção segura
Com objetivo almejado;
O papel de educadora
Abraçou a escritora
Pra deixar o seu legado.

No romance inaugurou
Tema abolicionista
Seus poemas, publicou
Foi uma grande contista.
Escreveu para jornais
Os ensaios sociais
Com assuntos relevantes;
Coletando os elementos
Registrou conhecimentos
E pesquisas importantes.

Um destaque literário
No romance brasileiro
Seguiu grande itinerário
"Úrsula" foi pioneiro.
A escravidão presente
Opressão é transparente
Na narrativa é vista;
Destaque inaugural
Temática social
Luta antiescravagista.

Fez "Cantos à Beira Mar"
E "Hino à Mocidade "
"Gupeva" veio contar
Amor sem felicidade.
"Canto da Recordação"
É uma composição
Entre tantas que escreveu;
Narrou também "A Escrava"
Mais obra de sua lavra
Depois, a morte a venceu

III – FLORBELA, FAGNER E FANATISMO: O SENTIMENTALISMO DA FLOR ALENTEJANA NA VOZ INCONFUNDÍVEL DO CEARENSE DE ORÓS

Foto: Divulgação

Era tarde da noite em Vila Viçosa, no Alentejo, Portugal. Uma jovem estava nos seus aposentos. Uma lamparina iluminava o quarto. Sobre uma mesinha, havia alguns cadernos e livros. A garota estava sentada numa cadeira próximo à mesa segurando uma caneta. Embora o fascínio pela eletricidade continuasse a crescer e, no final do século XIX e início do século XX, surgisse as primeiras empresas de produção e distribuição de energia elétrica, Florbela preferia a luz de lamparina enquanto escrevia seus belíssimos sonetos.

Entre nove e dez anos começou a produzir suas primeiras composições poéticas. Escreveu o poema "A Vida e a Morte", o soneto em redondilha maior em homenagem ao irmão Apeles e um poema "No dia d'anos", escrito para o aniversário do pai, com a seguinte dedicatória: "Ofereço estes versos ao meu querido *papá* da minha alma".

Nessa noite, a jovem Alentejana, escrevia um soneto marcado pelo sentimentalismo íntimo. Intitulado "Fanatismo", o soneto tornar-se-ia uma das várias obras-primas da poesia Alentejana.

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.
Meus olhos andam cegos de te ver.
Não és sequer razão do meu viver
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida.
passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!...

Tudo no mundo é frágil, tudo passa.
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E olhos postos em ti, digo de rastros:
Ah! podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: princípio e fim!...

Após terminar a escrita do poema, que atravessaria todas as fronteiras da literatura e se tornaria atemporal, Florbela foi descansar.

Anos depois, nascia em Orós (CE), um jovem apaixonado pelos instrumentos musicais. Futuramente, esse garoto tornar-se-ia uma das vozes marcantes da música brasileira. "Seu" José e Dona Francisca batizaram o filho de Raimundo Fagner Cândido Lopes, chamando carinhosamente de Fagner.

Certa noite, a curiosidade e o gosto pela leitura, além de sua paixão pela poesia; levaram o menino Fagner a leitura de grandes obras literárias. Entre elas, destaca-se os sonetos da Flor Alentejana, de origem portuguesa. Em uma madrugada de 1981, aos 32 anos, o músico e cantor cearense, enquanto lia o soneto "Fanatismo" começou a dedilhar seu violão correndo os olhos pelas palavras cheias de sentimentalismo e transformou um dos melhores sonetos da língua portuguesa em uma das magníficas canções da música popular brasileira. E assim, "Fanatismo" passou da ótica literária da Flor Alentejana para a interpretação musical na voz inconfundível do cearense, filho de Orós.

José Roberto Morais - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Colunista da Revista Sarau e Membro Fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC). É autor dos livros: "50 Sonetos", "Reforma Agrária e o Boi Zebu e as Formigas – uma análise sociológica", "Fantástico Mundo da Leitura" e "Veredas do Cordel"; e coautor em "Antologia Poética Escritores do Cariri", "Somos Escritores – jovens que escrevem", "Patronos II", "Vestígios de Amor", Antologia "Vida em Poesia" e Antologia "Literatura Popular Cordel Vivo".

espontaneidade

enrico pierro

já reparou que as coisas mais legais da vida não tem ensaio? veja bem, passamos os dias sempre preocupados, cheios de contas, de planos, de tabelas. mas sempre somos surpreendidos pelo inesperado.

acho extremamente importante termos metas e objetivos na vida. eu mesmo sempre traço planos, mas já perdi as contas das vezes em que a vida olhou pra mim e disse: não vai ser dessa vez, deixa eu te mostrar. e plaft. uma guinada de 180 graus do nada! tenho até uma amiga que sempre me diz que fica surpresa como eu posso estar enrolado em problemas quase insolúveis em um dia, e no dia seguinte todos os nós foram desatados e já estou em outro rumo. pois é, a vida é isso, é essa grande maré de surpresas. e nada me parece mais fantástico!

não quero que você deixe de ter seus planos e sonhos, muito pelo contrário. mas não se apegue a tudo como se nada pudesse mudar, porque muda. saiba ser flexível nas tuas metas, o caminho é bonito demais pra perdermos porque estamos muito vidrados no destino. são as surpresas que fazem a graça de se estar vivo. nem tudo são rosas mas nem todas as rosas tem espinhos. entende? tem dias que algumas coisas parecem ter acabado ou não terem mais solução e logo ali virando a esquina, tudo muda.

ensaiar demais os discursos e as falas nos fazem esquecer de ver e sentir a plateia. ficar traçando mil planos pode te deixar perdido. acredite. eu sempre fui do tipo que deixo me levar. a vida é mutável tanto quanto nós, que podemos mudar de opinião a qualquer momento. ou você tem os mesmos pensamentos de 10, 20, 30 anos atrás? então por que a vida também não pode se transformar e evoluir por si?

a espontaneidade é o que torna nosso caminho divertido. imagina se tudo na vida fosse com hora marcada? fosse ensaiado ou cronometrado? eu morreria de tédio. que eu seja espontâneo no que eu falo e penso. que a vida transcorra leve. que eu saiba aproveitar todos os momentos que cruzarem meu caminho e como diz florbela espanca: que me saiba perder... para me encontrar...

um brinde a todos os dias em que me perdi, para então quem sabe me encontrar.

enrico pierro, nascido em 1986, é escritor, poeta e apresentador, conhecido por sua sensibilidade literária e seu estilo único. Ele tem se destacado também como autor em diversas antologias literárias, como Antologia Dante Alighieri e Antologia Raízes, Contos e Poemas do Brasil e Angola, colaborando com renomados escritores lusófonos. Seu talento foi reconhecido com prêmios importantes, como a inclusão nas 100 Melhores Poetas da Língua Portuguesa, concedido pela Editora Mágico de Oz em parceria com o Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal e o Prix Parisian de Littérature et des Arts, além de ser premiado como Personalidade do Ano 2024 pelo impacto cultural.

Amor Incompleto

Maryêlliz Lima Coutinho

Tudo aquilo que sentia parecia se complicar a cada instante. Seu toque, ao mesmo tempo ardente e acolhedor, me queimava e me aliviava, como se sua presença tivesse o poder de acalmar tempestades interiores que eu não sabia como explicar. O frio insistia em entrar, trazendo à tona memórias de seus braços me envolvendo, enquanto eu permanecia deitada em frente à janela, como se essa promessa de me amar, fosse um abrigo seguro contra a solidão que se aproximava.

Faziam falta todas aquelas palavras doces que você dizia, me prometendo companhia e carinho. Minhas mãos se arrastavam pelas marcas que você deixou, mesmo que invisíveis, elas doíam profundamente, como se cada cicatriz fosse um lembrete do dia em que foram criadas. Mas nenhuma dor se comparava ao amor que sentia por você. Deixar meu coração bater por ti era como enfrentar um ataque de pânico; o ar se esvaía dos meus pulmões, como se eu estivesse me afogando em um mar de lágrimas — lágrimas que você provocou, não por querer, mas para me ver sofrer. Essa era a sua maneira de amar?

Você afirmava que me amava, mas por que me sentia tão utilizada? Descartada como uma lata jogada fora, amassada e vazia. Por que o seu amor parecia tão vazio, tão incompleto? Você olhou nos profundos abismos dos meus olhos, aqueles seus olhos escuros que eu achava a coisa mais linda do mundo, e disse que eu tinha mudado a sua vida. Então, por que você destruiu a minha?

Lembra do dia em que pedi para você ficar comigo? Logo depois, mostrei-lhe o quanto você significava para mim. Se não se lembrar, não importa, eu te mostro tudo de novo. Quem chegou até aqui, que passou pelo que passei, que viu o que eu vi, acha que faz sentido viver com medo? Eu só desejava que você fosse mais sincero, mais claro comigo. Não me iludo mais; tudo o que aconteceu foi um grande engano.

Eu amo você da maneira como amo as estrelas — bem longe de mim, mas de um jeito que ainda me faz sentir sua presença.

Obrigado por entrar na minha vida.
Merci d'être entré dans ma vie et d'y mettre fin.

Maryêlliz Lima Coutinho – tem paixão pela leitura e pela escrita, hobbies que a acompanham em sua jornada. Seus textos refletem sua criatividade e dedicação. Seu esforço e talento foram reconhecidos ao tona-se ganhadora de dois prêmios do Flávio Paiva nos anos de 2023 e 2024.

Vozes estranhas

Joaquim Pontes Brito

Eu estava deitado na cama, cochilando. Era madrugada, acho que perto de 4 horas da manhã. De repente, uma voz calma acordou-me:

- Levante-se e vá até a cozinha e pegue o copo de alumínio, encha de água e beba.

Sem ao menos vacilar fui à cozinha, apanhei o copo de alumínio em que costumava beber água, enchi-o de água gelada e bebi todo o conteúdo. Guardei o copo no lugar e voltei ao quarto. Tornei a dormir. Acordei pela manhã e não me lembrei mais do fato.

Fui trabalhar normalmente sem nada recordar do que tinha ocorrido na madrugada.

À noite me deitei e adormeci. Fui acordado pela mesma voz do dia anterior:

- Faça como ontem: beba água e depois traga o copo cheio para perto da cama.

Repeti todo o ritual do dia anterior, só que ao invés de deixar o copo na cozinha trouxe-o cheio e coloquei perto da cama. Adormeci ... Pela manhã acordei mais cedo que minha mulher e ao levantar vi o copo cheio de água no criado mudo.

Assustei-me e lembrei do sonho/pesadelo/verdade. Lembrei e refleti sobre todos os detalhes do que ocorrera ontem:

- Por que tinha obedecido ordem de uma voz que surgiu do nada, como explicar a minha obediência?

Pela manhã tomei café e saí pensativo para o Banco. Enquanto eu ia caminhando cada vez mais isso mexia com minha cabeça. Interrogações aos borbotões... Durante todo o expediente a mesma interrogação. Fui almoçar e nada de conseguir tirar as vozes da cabeça. Que diabo era aquilo? - fiquei a me perguntar.

Voltei ao expediente e fui acalmando-me

- Tem de haver uma explicação, é claro, disse a mim mesmo.

Depois do expediente, fui para casa e deitei-me. Quase imediatamente as vozes reapareceram. Eram três vozes. Duas masculinas e uma feminina. Nenhuma voz conhecida.

- Afinal o que é que vocês querem comigo? – perguntei em voz audível só para mim.

Riram e um deles disse:

- Na hora certa você vai saber.

E a voz feminina completou:

- Por hora vai fazendo o que a gente pedir que no final vai dar tudo certo pra você.

- Mas afinal por eu? - Perguntei.

- Você não se lembra, né? Mas você tem contas a acertar conosco, com os três. E riu.

Que diabo de conta é essa? - Tornei a me interrogar.

- Depois você vai se lembrar meu bem, disse a moça com um riso de deboche.

Um belo dia, que de belo não teve nada, quando eu me deitei as vozes vieram para me dizer que tinham um trabalho pra mim.

- Trabalho? Que trabalho?

- Você vai matar o seu amigo subgerente, "o seu Aloisio".

- Em nenhuma hipótese, falei imediatamente.

- Calma, você vai fazer tudo que nós mandarmos. Temos tudo planejado. Tenha paciência, ouça o que você tem pra fazer...

- Eu não vou fazer nada, principalmente com o "seu" Aloisio. Tá fora de cogitação.

- Por isso mesmo, queremos você lascado, detestado por todos no Banco e na cidade. Só assim nós vamos nos vingar do que você fez conosco - disse a voz feminina.

- Mas que diabo eu fiz com vocês, porra - falei com muita raiva. Eu não vou fazer nada contra o seu Aloisio. Ele é meu amigo, é como um pai prá mim - falei já apavorado.

- Por isso mesmo que você vai fazer. E mais, presta bem atenção: você vai pegar a chave do armário das armas, as balas estão também lá, você viu que eu sei. Vai pegar a arma e carregá-la, e vai para o banheiro. Quando o velho Aloisio chegar não deve ter nenhum funcionário ainda dentro da agência. Assim que ele chegar, você do banheiro vai ouvir os passos dele. Vá lá e mate-o.

- Não vou fazer nada disso, falei bem alto pela primeira vez, como se as vozes estivessem no quarto.

- Cala tua boca agora ou você vai ver o que vamos fazer com você - eram a três vozes me gritando ao mesmo tempo.

- Tá bom - disse já só em pensamento. Eu não posso fazer isso não. Peçam outra coisa.

Passado um tempo que não sei precisar, tamanha era a minha aflição, disseram:

- Vamos mudar o seu castigo. Vá na cozinha e traga a faca que é utilizada para cortar carne, ela é grande e bem amolada, muito afiada. Traga e coloque debaixo da cama.

Fui buscar a faca e coloquei embaixo da cama. Mal a voz acabara de terminar a frase minha mulher se virou para o meu lado e disse: o que essa faca tá fazendo debaixo da cama?

As vozes numa gritaria sem fim diziam:

- Não fale, não fale, invente uma desculpa, não fale nada ou você é quem vai se lascar.

Tomado de surpresa com aquilo tudo, eu disparei:

- Sente aqui na cama que eu vou contar tudo que está acontecendo.

Enquanto a minha mulher, entre surpresa e aflita, foi sentando, as vozes não paravam de falar palavrões comigo e a fazer ameaças a mim.

- Faz um bom tempo que venho ouvindo e obedecendo ordens de três vozes, uma feminina e duas masculinas, que mandam eu fazer coisas e eu obedeço, pois eles me ameaçam.

À medida que eu ia falando, as vozes iam ficando mais distantes e mais violentas as ameaças. E contei toda história. Ela me ouviu calmamente e, é claro que a narrativa foi emocionante e tensa, tendo eu chorado bem como ela, que não me interrompeu nenhuma vez.

- Nós precisamos é rezar, vamos rezar - finalmente a minha mulher falou.

- Vamos. Respondi.

E, de mãos dadas rezamos, não sei precisar quanto tempo, só sei que ao final das orações não mais ouvi nenhuma voz. Continuamos a rezar por muitos dias e nunca mais ouvi as tais vozes. Sumiram de vez.

Joaquim Pontes Brito – cearense de Itapipoca e residente em Quixeramobim (CE). Foi professor, bancário, pedagogo, administrador; produtor cultural, cantor, compositor, pesquisador, escritor e editor. Publicou "Caminhos Pagãos"; "A Guerrilha do Araguaia roubou 22 dias da minha vida"; "O desalmado Conduru e outras histórias"; "A saga do Comendador Garcia e outras histórias". Contatos: 88. 99742.9730 – joaquimbrito52@hotmail.com – editoraestradar@hotmail.com.

Um e outro

Carlos Nascimentto

Foi julgado e condenado porque houvera pulado um muro e roubado para sua enamorada uma rosa, uma rosa. Assim o rapaz estava lá na cadeia, para pagar por este delito por dez anos, dez anos. E nisto e por tal crime havia na população unanimidade: era justo, era justo.

Não longe dali outro homem viola a lei e rouba um cofre público, um cofre público. Mas o homem, porque era um rico homem público, estava em liberdade, em liberdade. E isto porque o povo, condicionado, já havia se acostumado: era normal, era normal.

O martelo e o prego

Um prego já traumatizado de tanto apanhar dos martelos, resolve ir à uma fundição e fazer-se um deles. Agora, munido de um vigoroso cabo de massaranduba, começa uma nova vida, batendo firmemente na cabeça de seus antigos semelhantes.

Um prego que uma vez dele recebia marrentas porradas o reconheceu. E surpreso e enraivecido o perguntou:

- Tu já não foste prego?

- Fui, respondeu o ex-prego.

- E por que me bates assim com tanta força e desdém?

- Ora, porque agora sou martelo e tu és só um prego!

- Mas se já foste prego e conheces a nossa sorte, devias ser um pouco mais condescendente conosco.

- Ora, ora! Prego é prego! E martelo é martelo!

- Tens medo de voltares a ser prego?

Então, sentindo-se ferido em seu orgulho e medo, o martelo desfere um tremendo e decisivo golpe na cabeça do prego. E no auge de sua distorcida e utilitária agonia o prego ainda solta um murmurante sussurro:

- Nada mais dominante que um ex-dominado, que ascende a condição de domínio.

Carlos Nascimentto - Professor Pedagogo, Especialista em Educação, Pós-Graduado em Planejamento, poeta, escritor e artista visual. Membro do Cecordel, ACE, UBT e outras.

À Elisa

Rafa Chagas

Como vais, doce Elisa?

Ainda hoje, me soa dolorido te cumprimentar assim, de tão distante, mas é o modo que nos sobrou, não é? A não ser se quiséssemos ser deserdadas de nossas famílias. Chego a rir, quisera que pudesses ver. De qualquer forma, mesmo de longe, ainda posso sentir teu ouvido perto de minhas palavras e isso me acalenta um pouco. Se estivesses aqui, veria também um par de lágrimas escorrer em meu rosto.

Mesmo pouco tempo juntas, sinto que conhecemos mais uma da outra do que ninguém saberia ou levaria uma vida inteira para descobrir. E dentro disso, fomos cúmplices, amantes e tudo a suspirar nas peripécias do acaso, convergindo nossos corpos como dois feixes de luz a clarear a ultrapassagem de um sinal vermelho, até chocarem-se e se fazerem resplendor.

Numa calçada arenosa, um contato discreto, uma atenção desconcertada e lá estávamos ambas, detentas da história que nos ligaria, determinadas a compartilhar nossos destinos, suspeitosamente escritos como por mãos divinas. Da sedução ao nosso pleno doar, foi um estalo.

Simplesmente ocupávamos o lugar exato, no momento exato e tudo o que eu era pareceu pouco perto de ti. Destemida, amável, simpática, não imaginas o quanto cada comentário teu ainda me arrepia, quando os ponho, em memória, de volta em tua boca.

Saibas que para mim, minha doce Elisa, tudo ainda é um mistério, pois enquanto te segredava vivências idas e histórias amalgamadas em lembranças turvas, tu conseguias me elevar a um estado de pós-alma, presa e avessa, ao mesmo tempo, a tua calma, a tua poética de enfeitiçar serpentes e domesticar dragões.

Sobretudo, não foram só tuas palavras a romper verdades e a revelar caminhos, foi o todo que te faz uma só, o impacto ao descortinar teu corpo, teus desejos, temores, o milagre que nos fez vagar por aquela praia deserta, fazendo amor ao pé das ondas que vinham saborear a nossa entrega. Como vês, de tantas maneiras te tatuaste em mim e podes, enfim, entender o porquê esta carta, em especial, é tão importante para nós duas.

Do ponto mais profundo do meu querer e embora ainda sinta uma necessidade visceral de te esculpir, te desenhar sob meus cuidados, meus abraços, não posso mais seguir com um sonho que me parece cada vez mais distante, etéreo. Sairei do país, meu amor, ficar aqui está insustentável. Sem teu amparo, as coisas ficam ainda piores. Eles nos caçam como para nos atirar na fogueira. E o que mais me assusta, meu bem, é que a realidade é muito próxima disto.

Apesar de não saber como vais levando a vida, se estás bem ou se necessitas de ajuda, se manténs atenção redobrada àqueles que nos espreitam, prometi para mim mesma não levar o tema destas palavras para vieses sentimentais, principalmente em momentos tão difíceis, mas é impossível fechar os olhos e não te ver. Teu sorriso de boca aberta, como costumávamos brincar. Te peço desculpas, minha flor, ultimamente tem sido tarefa árdua manter o tino.

Minha doce Elisa, sigo almejando notícias tuas e saibas que, por aqui, seguirei rememorando teu cheiro, a maciez de tua pele, o hálito de tua respiração ofegante. E por deus, tenha cuidado! Nem em meu pior pesadelo esperaria que eles pusessem as mãos em ti. Soube do quão horrendo eles são e do quão mal fazem aos que se opõem. Só de imaginar me corrói o peito, a mente, o ventre.

Que loucura foi nosso encontro, não foi? Éramos duas estranhas e eu passeava sem destino pela calçada beira-mar, recebendo a agradável brisa marinha. Caminhava como para não chegar, com os pensamentos voltados a outras estrofes, ao mundo que já me engolia bem antes de nós duas.

Meus pais ainda são os que menos compreendem. E por sinal, foi o que me motivou à caminhada sem rumo. Até que naquela barraquinha de água de coco, nos esbarramos, lembras? Chegaste quase que no mesmo instante que eu. Estavas

acompanhada. "Fazem um belo casal", pensei na hora. Mas logo descobri que era teu irmão e imediatamente entendi o que o teu olhar queria me dizer. Afinal, um aconchego para os recentes abalos.

Em comentários cordiais, brincamos sobre o preço da água de coco, a vida já não estava fácil para ninguém e a inflação de hoje é prova disso. Saímos para caminhar os três. Por vezes, observava sorrateiramente teus grossos lábios de guerreira amazona. Morena de arrancar pedaços. Me contive, pois nem pensar demonstrar tais sentimentos assim, de uma 'donzela' para outra 'donzela', principalmente. Mas notaste. E soubeste retribuir a gula dos meus olhos, embora a situação não permitisse que fôssemos mais explícitas.

Percorremos longa distância a pé, conversando animadamente, contudo, como o anoitecer já ganhava o céu, teu irmão teve que ir, tinha que encontrar alguns amigos em outro lugar. Tu não quiseste ir e me perguntaste se eu poderia te fazer companhia um pouco mais. É claro! Não arredei o pé. E de repente, cai sobre nosso colo a chance de ficarmos a sós, com uma praia inteirinha só para nós duas.

Dispersas da hora, nos demos conta do quão já era tarde, mas já era tarde demais. Sozinhas, descalças, sentadas na areia, ficamos solícitas à mágica e ela nos envolveu. Com a corrente de nossos toques, adentramos no mar e como se atravessássemos o portal que dava para outros mares, imergimos nas ondas provocadas por nossos movimentos, até voltarmos à avenida, embebedadas por nossa excitação, e com nossos desejos em brasas, seguimos até a tua casa, onde moravas com a mãe, o teu irmão Roberto e o gato, como era mesmo o nome dele. Era assim como... sim, Felino, chamava-se Felino. Lembro que quando chegamos em tua casa, todos estavam dormidos e recolhidos, não perdemos tempo e fomos direto ao teu quarto.

Foi difícil te deixar pela manhã. Se não fosse pela infeliz coincidência de sairmos justo no momento em que tua mãe acordava, te lembras? Como a situação ainda me provoca risos. Era cedo, até para os velhos costumes dela. Já tínhamos tudo planejado. Para onde ir, onde ficarmos mais à vontade para seguir nossas descobertas. Mas naquele dia, não mais. O que não nos impediu de prepararmos nossos próximos encontros. Mas embora eles continuassem, furtivos e inesquecíveis, como deveriam ser, não conseguimos impedir a sanha de nossas famílias. Com o tempo, nos tornamos imorais, desclassificadas, até que ficou insustentável, e quando resolvemos abrir o jogo, até as ofensas em casa se tornaram coisa pouca.

Esta foi uma de nossas muitas histórias, todas recheadas do desejo que nos transbordava, e que agora, ressurge avassalador nesta madrugada solitária de desterro, habitando uma casa não minha, impedida de me comunicar com qualquer que seja para não atrair a atenção daqueles que fariam de tudo para calar-me, para sempre.

Elisa, queria que soubesses o quanto tuas recordações me consolam e o quanto delas me alimento, aonde quer que eu vá. E antes de despedir-me, gostaria de dizer o quanto a nossa história me revela que sem esta parte tua em mim, eu não teria forças para sequer escrever esta carta.

Meu bem, espero que estas palavras voem aladas a ti e te confortem também em tuas noites insones, te sussurrem gozos e carinhos tenros, e te tragam, de alguma forma, até mim, visitando-me nos sonhos que podemos, enfim, declarar uma vez mais o nosso amor.

Agora sairei, pois é madrugada e o movimento nas ruas parece estar tranquilo. Jamais esqueço de ti, te esperarei ao lado da barraca de coco que testemunhou nosso primeiro olhar.

Da sempre tua,

Beatriz.

Rafa Chagas - graduado em Letras/Espanhol pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Linguística e Literatura pela (UEPA/DOM ALBERTO). Em 2011 publicou seu primeiro conto, "Crime perfeito", publicado na II Antologia PROEX/UFPA DE POESIA, CONTOS E CRÔNICAS. É autor do livro "As últimas folhas do diário", Editora Folheando, 2021.

O encanto da vida literária

Hugo Proença Simões

Se o encanto de voar, de ser feliz nessa solidão do mar...
Se nessa lida de abraçar as imensidades desse olhar...
Se o beijo de um poeta na musa faz o leitor corar...

Deixe dessa meninice e busque na literatura o encanto!
Se o pranto é seco e abafado, chore o coração tanto
Que te escutem! Quem quiser te ler... Seja pecador ou santo!

E, nessa luta por cada lágrima e por cada sorriso, assim...
Vou buscando pétalas, vou galgando o voo do beija-flor!...
Mas ainda não me veem nessa aquarela que é sim
Um encanto da vida, com amores e dissabores... Prazer e dor...

Mas ainda colho os frutos pelo caminho, fazendo versos
E tentando decifrar os enigmas da arte de poetizar a vida!...
Ah, tentação de querer esse encanto que passa! Imerso
Nos meus cantos de letras poéticas, sorvi a poesia como lida!...

Hugo Proença Simões. Nascido em Fortaleza, Ceará, Brasil, em 11 de maio de 1987. Comecei a escrever desde cedo. Sou escritor participante das coletâneas Antologia Nacional de Poesia Mares Diversos, Mar de Versos, pela Editora Pensata; Antologia Poética Vozes da Alma Volume 1, pela Pensata; II Coletânea Textos Seletos poesias, contos e crônicas, pela Editora Pensata; Poesias Hugo Proença Simões e outros autores, da Editora Palavra é Arte; e Antologias Linhas Literárias, da Vira-Tempo Editora. Escrevi O Fazer do Poeta e escrevi Pétalas de Rosas em coautoria com Lui Bezerra Félix. Estou terminando Letras.

Emiliano Queiroz: Um Ícone do Teatro e da Televisão Brasileira

Élcio Cavalcante

Emiliano de Guimarães Queiroz é um dos grandes nomes da dramaturgia brasileira, especialmente reconhecido por suas contribuições ao teatro e à televisão. Nascido em Aracati (CE), em 1 de janeiro de 1936 e faleceu em 04 de outubro de 2024, no Rio de Janeiro (RJ), aos 88 anos, foi um artista polivalente, atuando profissionalmente como ator, radialista, locutor, radioator, autor, diretor e roteirista. Destacou-se por seu talento variado e carisma único, conquistando o coração do público com suas performances marcantes e versatilidade em diversos papéis.

Desde jovem, Emiliano demonstrou interesse pelas artes cênicas. Sua carreira começou nos palcos, onde participou de diversas peças que exploravam a cultura nordestina e as questões sociais do Brasil. Através de seu trabalho no teatro, ele não apenas entreteve, mas também provocou reflexões profundas sobre a vida e as realidades enfrentadas pelo povo brasileiro.

Com o passar dos anos, Emiliano Queiroz também se aventurou na televisão, onde se tornou um rosto conhecido. Ele atuou em várias novelas, filmes e programas de sucesso, sempre imprimindo sua marca pessoal em cada personagem. Seu jeito autêntico de atuar permitiu que ele se conectasse com o público de maneira única, fazendo com que suas atuações fossem memoráveis.

Além de seu talento inegável, Emiliano é admirado por sua dedicação à cultura cearense. Ele sempre buscou valorizar as tradições locais e dar visibilidade aos artistas da região, contribuindo para o fortalecimento da cena cultural no Ceará. Sua paixão pelo teatro e pela arte é contagiante, inspirando novas gerações a seguir seus passos.

O extraordinário Emiliano Queiroz é mais do que um ator; ele é um símbolo da cultura cearense e brasileira. Seu legado continua vivo nas lembranças do público e nas novas produções que seguem sua trajetória artística. Com seu talento e comprometimento, ele provou que a arte tem o poder de transformar vidas e unir pessoas.

Em síntese, Emiliano Queiroz, com sua trajetória brilhante no teatro e na TV cearense e brasileira, não apenas se firmou como um grande ator, mas também como um verdadeiro embaixador da cultura cearense. Sua capacidade de tocar o coração das pessoas e de trazer à tona as nuances da vida nordestina faz dele um artista singular. Ao longo de sua carreira, ele deixou um legado que transcende aos palcos e as telas, inspirando artistas e admiradores a valorizar a rica cultura do Brasil. Com sua paixão e dedicação, Emiliano Queiroz continua a ser uma referência inabalável no mundo das artes, lembrando–nos sempre da importância de nossas raízes e da força da expressão artística.

Élcio Cavalcante é formado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, no Curso de História, trabalhou na FIEC - SESI - SENAI, leciona História na Rede Pública e Privada no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Memórias de Boa Viagem

Tânia Íris

Foto: Divulgação

Sempre sonhei em conhecer grandes centros. Queria ir aos lugares mais incríveis que já ouvira falar: Rio, São Paulo, cidades internacionais. É proibido sonhar?

Não imaginava eu que viveria grandes e simples aventuras sem ter que deixar os solos nordestinos.

Aquele mar imenso diante dos olhos e tão próximo aos pés, silenciava as buzinas e o acelerar dos carros na avenida Boa Viagem. Era como estar no centro de uma linha tênue, entre um sonho pintado sobre tela e a realidade da rotina diária.

Pegava os ônibus mais aleatórios possíveis, que pudessem me levar a lugares antes inimagináveis e desconhecidos. Becos, vielas... Queria ver e provar o novo. O novo que me encanta, que me inspira e excita. Liberdade? Solitude? Ou à deriva?

Os coletivos lotados, frenéticos, deslizavam nos trilhos engarrafados das avenidas. Era sempre uma ótima oportunidade de espreitar belas, engraçadas e estranhas histórias da vida alheia.

Ah! Mas foi aquele minuto, aquele instante, aquele sussurro em que apenas o mar falou, que fez valer a pena e ficar marcada na tela da memória o registro mais lindo que fiz de Recife.

Tânia Íris – professora, nascida no pequeno distrito de Olho d'Água da Bica, no interior do Ceará. Formada em Letras, desde cedo desenvolve a paixão pela leitura e pela busca constante de novas descobertas. Em um período de reflexão e redescoberta, vive um ano sabático em Recife, onde teve a oportunidade de reconectar com a verdadeira vocação nas letras. Essa experiência ampla seus horizontes culturais, e aprofunda seu amor pela Literatura, inspirando-lhe a transmitir essa paixão aos seus alunos.

Aquilo que eu renego

Ludimilla Barreira

Esses dias fui ferida. Foi uma dor daquelas de morte. Fiquei sem ação, paralisada. Apenas recebi o golpe grosso e cheio das palavras. Sangrei na alma, mas não perdi os sentidos, tinha consciência da minha respiração e de todos os movimentos que usaria para revidar, sem nem mensurar os danos. Mas, diante de tudo, apenas assisti ao filme que passava no inverso dos meus olhos, com as cenas que, há muito tempo, me engano acreditando que esqueci. Doeu profundamente, como se fosse a primeira vez.

Sempre imaginei que poderia anular esse tipo de agonia apenas abrindo as minhas veias e tirando este sangue que eu renego e nunca quis correndo em mim. Esse sangue, da mesma forma que as palavras, recebi sem consentimento. Mas, do que adianta remover o sangue, se, quando me olho no espelho, sou arrastada para a aparência de quem eu desprezo?

Percebo o quanto é difícil determinar a fronteira entre o que é apenas meu, da parte que eu gosto, e aquilo em que eu não queria me encontrar, mas sei que estou/sou. Deve haver uma forma de dividir meus componentes, mantendo a vida. Garantindo a existência do que construí, por isso me é tão caro.

Não há resolução definitiva, mas como redução dos danos, já que não posso arrancar de mim o sangue, nem desfigurar meu rosto, vou provocar meu vômito e interromper essa ruminância de sentimentos e palavras. Pois tudo isso me traz na boca um gosto acre que contamina outras partes que mantive escondidas. Essas, eu precisei conservar distantes, como forma de ter certeza de que algo em mim está livre.

Sinto dores enquanto me manifesto por meio destas palavras, pois nunca ousei nomear esse tipo de sentimento. Essa é minha forma de resolver os problemas, fingindo que eles não existem. Se não há nome, não tem importância. Mas, como posso tratá-los?

Nesse caminho de supostas facilidades, andando cega, sem lidar com todo o acúmulo dessa relação que transita entre a inutilidade e a obrigação, pago um preço alto. Pois, além do meu tempo, que muito vale, abandono a criança que é minha obrigação proteger.

Ludimilla Barreira – Gosta de observar a vida e escrever o que vê e sente. Contato: 85 996302523/ 85 981507153

Rumo à inclusão

Ana Paula Marques

As mãos tocam a reglete,
Imagem refletida em pontos.
Universo branco, Braille traz guardado
O sonho de fazer acontecer a inclusão.
Sob o brilho do sol,
Pequenos passos...bengala ao chão,
Alcança o horizonte e alimenta à vontade
De florescer no jardim e abraçar sem medo,
Um novo amanhã.

(Homenagem ao dia 4 de janeiro, Dia Mundial do Braille)

Ana Paula Marques é natural de Fortaleza-CE, graduada em Engenharia Elétrica e em Matemática. É poetisa e audiodescritora da Revista Sarau. Membro da Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes (AABLA) e do grupo de poetisas Mulheres Poesis. Escritora participante do livro Educação em Revista, das antologias A Felicidade Pós-Moderna, Poetas Nordestinos Vol.1, Vida em Poesia e da Coletânea, Pão de Letras na Terra da Luz. Publicação da poesia “Paratletas” na Revista Pontinhos do Concurso Literário (julho/2024), realizado pela I Feira Literária Inclusiva do Instituto Benjamin Constant (IBC). Conquistou o 2º lugar (2024), 1º lugar (2023) e o 4º Lugar (2022) no Concurso de Microconto da União Brasileira de Trovadores.

COLUNA MOSAICO ARTÍSTICO-CULTURAL

Elaine Meireles
(contato: ponchetart1@gmail.com)

A **Coluna Mosaico Artístico-Cultural** contempla a riqueza enraizada na diversidade racial, artística, social, geográfica, cultural, econômica, religiosa, espiritual e intelectual das várias regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste). Ressaltando novas tendencias culturais e apelos da contemporaneidade, no que concerne à Literatura, Música, Cinema, Teatro, Pintura, Dança, Fotografia, Artes Digitais, esperamos contribuir cada vez mais para a solidificação da Arte, da Arte Brasileira.

I. Poesia e Prosa dos Irmãos Cruz

i. "AMORSENDO"

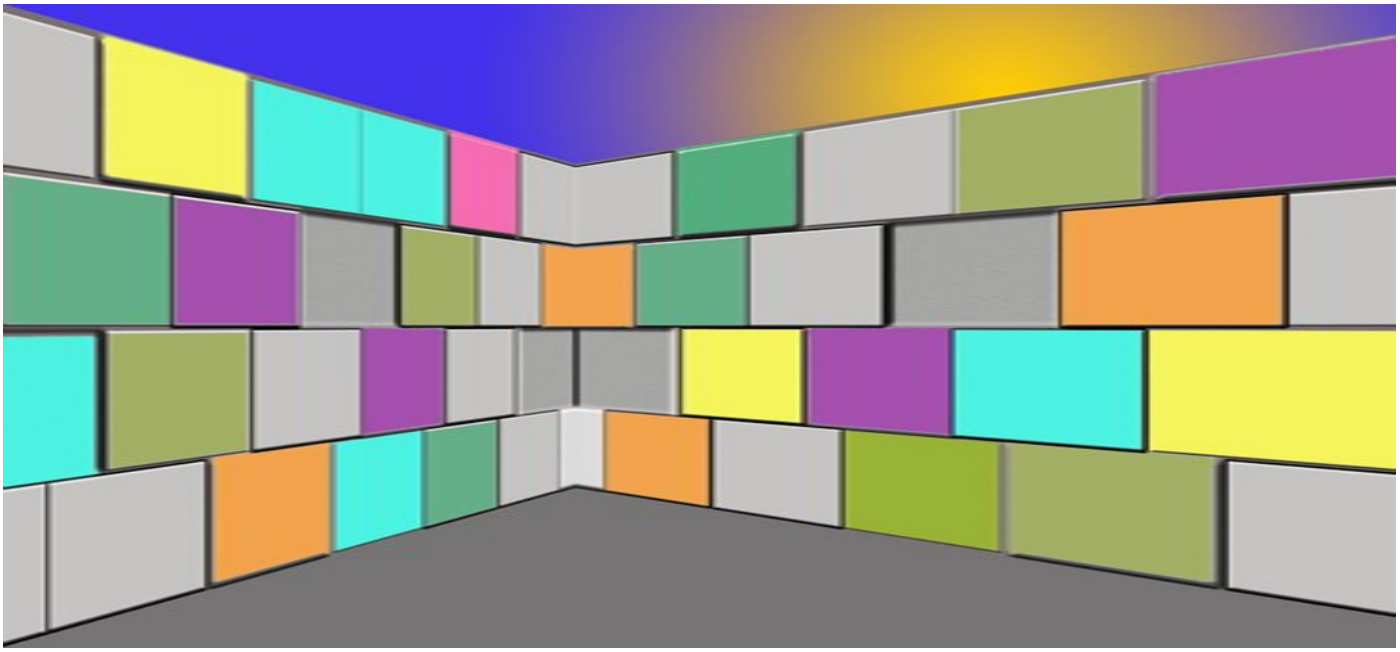
O amor que permanece
No dia a dia da busca se tece!
O amor que plenifica,
Não existe. Se torna
Na busca do outro!
E no outro, é, a cada instante,
Sendo amor em construção!
O estável se alimenta do instável,
Como a eternidade, do momento!
Quero teu amor pleno
Te conquistando em cada ato!
E quero que me seduzas,
E nos atos de cada dia traduzas
Que não sou teu, enquanto for possuído!
Sê-lo-ei, sendo a cada dia,
Teu desejo, tua busca.
E, no "ainda–não" de cada hora
Chegar ao "sendo-sempre-sim", que demora!
Que se vai tecendo na teia da vida,
em se amando,
se conquistando,
se construindo,
num amor que, para ser sempre,
terá que ir sendo sempre,
Num movimento que não para.
Porque ao parar, morre!
O amor só há, no ir-se amando,
No passo do tempo que corre!

CARLOS HENRIQUE CARRILHO CRUZ – formado em Letras Português-francês e Mestre em Educação pela UFF. Pedagogo, com experiência em Direção; ex-Coordenador do Curso de Pedagogia, Campus Madureira, da Universidade Estácio de Sá; Coordenação Pedagógica e Professor aposentado do Município do Rio de Janeiro. Foi membro do Conselho Editorial da Revista de Educação AEC (Associação de Educação Católica). Livros publicados: Planejamento em sala de aula (Editora Vozes em coautoria com Danilo Gandin); Conselho de Classe. Espaço Diagnóstico da Prática Educativa (Editora Loyola).

ii. "*Espero que você me espere*"!

Esperar alguém, esperar o trem, esperar ninguém, esperar...
Viver esse momento é de uma ansiedade estressante. A gente não sabe como vem ou como está, mas a gente espera. Não sabe se o que traz é algo bom ou algo ruim, se nos trará energia ou sugará a nossa. Mas a gente espera. Esperar parece algo passivo, mas tem dentro desse comportamento uma energia borbulhante que quer ver este momento realizado a qualquer instante. Esperar o amor, NÃO esperar a dor, esperar um trabalho, esperar o horário. Esperar só, esperar acompanhado, esperar comendo, esperar deitado, de todo modo é algo inacabado.
Combinei e até agora ele(a) não chegou!
Esperei por você até a chuva passar...
Esperei que me entendesse, não dava mais para te esperar...
Tantas palavras para justificar este momento em que ninguém quer ouvir lamentos. Todos querem se encontrar, "materializar o contato", fechar o contrato, falar do Morato, rir do boato... Ouvir uma música, curtir uma brisa.
Rir de Vanuza, falar da Monalisa. Saber se faz, ou se já terceiriza... Esperar... Se sabemos por quem estamos esperando, e o que estamos esperando, a gente fica mais esperançoso e menos ansioso... Pede uma porção de aipim frito e uma bebida. Espera até te ligarem da avenida! Aguenta e inventa: escrevendo num guardanapo coisas que lhe atenta. Depois guarde esse papel longe da chuva que lavou a cadeira e molhou o chapéu. (Crônica extraída do livro "*Tô contigo e me abro*" p. 135, de autoria de Dudu Cruz)

iii. "*Nossos muros de pedras coloridas*".



Criamos muros e dentro dessa área pintamos e repintamos o que achamos ser algo de grande criatividade.

Fazemos isso na tentativa de renovar e deixá-los sempre diferentes esses que temos como limites de nossas vidas: os muros de pedras coloridas. Diferente do

que, diferente de quem, limites por quê? E de tanto fazer e refazer essas pinturas, com todos os tipos de pincéis e de tintas, em algum momento de luz, damo-nos conta de que a inovação está fora dos muros.

Quebrar esses limites, deixar vazar para as ruas toda a criatividade represada e ver o que é inovar, absorvendo toda a energia das ruas livres, dos espaços sem muros e dos outros muros de folhas de papel, prancha de pintura – materiais tão frágeis, que a qualquer momento podem cair deixando sair e entrar a inovação, que há muito, achávamos que estavam nos muros de pedras coloridas.

A inovação está depois dos muros...

(Crônica extraída do livro "*Tô contigo e me abro*" p. 145, de autoria de Eduardo Augusto Carrilho Cruz)

Dudu Cruz (Eduardo Augusto Carrilho Cruz) - Artista plástico visual, participou de várias exposições coletivas e duas individuais, músico percussionista, escritor. Publicou, pela A Barros Editora, em 2020 o livro, "Tô Contigo e ME abro", crônicas escritas desde os anos 80". Participou, com Poesias e Crônicas, da "Antologia, Semeando Versos" e "Costurando Vivências", fruto do grupo virtual Literatura Phontes Literárias. As Artes Visuais e livros do autor podem ser adquiridos pelas redes sociais: Instagram @ duducruz60; Youtube www.youtube.com/@duducruz_abstrato; Contato (11)97355-0859.

II. Versos de Ruth Ibiapino: "Infância Gêmea da Cidade"

1
Da calçada de casa avistei
Uma ave voando no céu
As nuvens brancas de algodão
Colorindo com seu pincel
A aquarela do horizonte
Que constrói a sua ponte
Nos raios solares do véu.

2
Debaixo de uma árvore brota
A vida que cresce e dança
Que brinca levemente
Com um sorriso de esperança
Plantando a felicidade
Regada na simplicidade
De brincadeira de criança.

3
A vida nasce e cresce
Sem enfeite nem maquiagem
No sossego de uma rua
Com a natureza de paisagem
O tempo se faz fotografia
Transformando o simples do dia
Na mais bela das imagens.

4
O vento que bate calmo
Assoprando um sorriso
Um abraço se faz passagem
Para a porta do paraíso
Abraço-casa de mãe
Faz com que acompanhe
Tudo aquilo que é preciso.

5
Um olhar sincero desabrocha
Um abraço solto ganha vida
Um choro curto se encerra
O sorriso é remédio da ferida
O agora dessa imagem
É a mais linda das postagens
E o presente, a principal curtida.

Ruth Ibiapino é poetisa, da cidade de São João do Tigre–PB. Atualmente mora em Campina Grande–PB, cursa Química Industrial na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Participou em uma coletânea entre Brasil e Portugal, tem 14 cordéis autorais publicados.

III. "Crisântemos, Flores do Outono" – por Janaína Menezes

Falar de Florbela, é falar de sentimentos, de dor. Mas acima de tudo, falar de uma mulher extraordinária. Vivendo em uma época, onde a voz feminina era abafada, a forma que encontrou para gritar, foi através da poesia. Por isso, seus poemas são tão carregados de sentimentos, de uma liberdade erotizada. Ler Florbela, é como contemplar a sua alma nua, e adentrar nas suas dores, nas suas saudades, no seu desejo de amar.

Esse desejo de amar e ser amada, revela uma Florbela, como descreve em uma de suas poesias, "crucificada", "dolorida." Sim, uma mulher dolorida, incompreendida por seus amores e a sociedade de sua época. Dona de uma alma livre e moderna, jamais conseguiu ficar presa em convenções. Embora nunca tenha participado da vida política do seu tempo, quando as mulheres lutavam pelo direito ao voto, ainda assim, é símbolo do Modernismo. A representação do moderno em Florbela, encontra-se em sua obra, nas suas poesias voltadas para o erótico e a liberdade sexual.

CRISÂNTEMOS

Sombrios mensageiros das violetas,
De longas e revoltas cabeleiras;
Brancos, sois o casto olhar das virgens
Pálidas que ao luar, sonham nas eiras.
Vermelhos, gargalhadas triunfantes,
Lábios quentes de sonhos e desejos,
Carícias sensuais d´amor e gozo;

Crisântemos de sangue, vós sois beijos!
Os amarelos riem amarguras,
Os roxos dizem prantos e torturas,
Há-os também cor de fogo, sensuais...
Eu amo os crisântemos misteriosos
Por serem lindos, tristes e mimosos,
Por ser a flor de que tu gostas mais!

O poema "Crisântemos" é uma demonstração de como a poetisa empregava o erótico em suas poesias. Nele, a poetisa imprime uma forte simbologia nas flores. Trabalhando temas recorrentes em sua poesia: o amor, o sofrimento, e o mais presente nessa poesia, a erotização.

Primeiro emprega o sombrio ("Sombrios mensageiros das violetas"), que vai sendo tomado pelo branco das flores e a luminosidade do luar ("Brancos, sois o casto olhar das virgens / Pálidas que ao luar, sonham nas eiras"). Os crisântemos vermelhos são a representação do amor, da sensualidade, do erotismo ("Vermelhos, gargalhadas triunfantes / Lábios quentes de sonhos e desejos / Carícias sensuais d'amor e gozo; / Crisântemos de sangue, vós sois

beijos!"). Os amarelos e os roxos representam o pessimismo e a melancolia ("Os amarelos riem amarguras / Os roxos dizem prantos e torturas"). Os cor de fogo, sensuais, são mais fortes que os vermelhos, pois abrasam, como se fossem quase a representação do ato sexual ("Há-os também cor de fogo, sensuais..."). O tom de mistério, apresenta-se na incompreensão da poetisa, pois não entende como essas flores podem representar ao mesmo tempo, o belo e o triste ("Eu amo os crisântemos misteriosos / Por serem lindos, tristes e mimosos").

A vida de Florbela foi marcada por desilusões amorosas, em relacionamentos fracassados. Também por acontecimentos trágicos que a afetaram profundamente, dois abortos espontâneos e a perda do seu querido irmão Apeles. Além disso, sofria de problemas de ordem psicológica e um edema pulmonar. Todo sofrimento experimentado pelas perdas, a doença e a infelicidade no amor, fizeram com que perdesse a vontade de viver. Então, no dia oito de dezembro de mil novecentos e trinta, data do seu aniversário de trinta e seis anos, decide partir para outra dimensão, no entanto, sua alma ficou aqui, guardada dentro de sua magnífica obra.

Janaina Menezes – graduada em Letras pela UFC (Universidade Federal do Ceará), poetisa, pesquisadora, articulista da Revista Sarau.

IV. Histórias Reais: Flashes de Uma Vida

Iracy Montenegro: Um Mapa Mundi Vivo

Fortaleza nas décadas de 1960-1970 passava por transformações culturais, sociais e urbanas, ao mesmo tempo em que foi instaurada a ditadura militar de 1964. Podia-se ver seus ônibus elétricos, a urbanização da orla marítima, o surgimento de novos bairros, a especulação imobiliária e o crescimento de populações de baixa renda. A desigualdade socioeconômica, a repressão e resistência ao regime militar fizeram nascer manifestações artísticas e movimentos culturais (música, teatro, poesia, ...) como forma de contestação política e social.

Foi em meio a essa efervescência de significativas mudanças em nossa capital, que conheci Iracy Alves Montenegro. Ela trabalhava em uma loja comercial no centro da cidade, apresentava muitas qualidades de humanas (responsabilidade, sinceridade, inteligência) e tínhamos amigas em comum. Mas também era dedicada às Artes (xilografia, poesia e prosa), pertencia a *Ala de Feminina da Casa Juvenal Galeno* e escrevia com frequência no *Jornal Correio do Ceará* (nas colunas *Poetisas da Ala e Crônica da Ala)*.

Contudo, foi depois de uma viagem de 25 horas, cruzando os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, que chegamos a Garanhuns, para um daqueles típicos congressos de então, onde o espiritual se mesclava com o social. Encontramos ali, pessoas de vários estados do Nordeste, com o propósito de tornar o mundo melhor, eliminando as barreiras sociais, religiosas, econômicas, culturais, ... enfim, buscando a meta "*Que todos sejam um*"

Ao retornar a Fortaleza, a vida de Iracy teve uma guinada de 180ºC. Sua sede de plenitude de vida aumentava cada vez mais

e aquele voluntariado, aos domingos na Santa Casa de Misericórdia, cuidando da higiene de pacientes, tornou-se impossível quando da descoberta de um câncer agressivo. A mastectomia, os braços e pernas inchados, as costas inflamadas em constante supuração e as constantes dores fortes a fizeram criar em seu corpo, um Mapa Mundi. E assim, onde doía, ela dizia que oferecia para que fosse restabelecida a paz, a harmonia, a justiça, a espiritualidade, o amor... ora por um continente (África, Europa, ...), ora por um país (Brasil, Rússia, ...), ora por uma pessoa... Ali, numa vilinha na Torres Câmara, logo depois da Barão de Studart, muitos queriam conhecê-la, alimentar-se de sua força, de sua riqueza espiritual. Estiveram por lá, gente simples, bispos, gerente da loja onde trabalhara, vizinhos, crianças, amigos de viagem, religiosos, colegas da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno...

Iracy partiu em maio de 1970, no mesmo mês de seu nascimento, e nos deixou seu amor ao próximo e a Maria, Mãe de Jesus.

(*) **Elaine Meireles** – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, Professora Tutora da UFC/IFCE, Articulista da Revista Sarau, Apresentadora do Sarau na EMCETUR. Autora da *Coletânea Lápis Afiado* (*Análise de livros indicados para o vestibular; Estilos Literários Brasileiros*.); *Português – Vestibulares & Concursos*. Participação nos livros *Vivencias de Leitura – uma análise linguística-literária das obras* (org. Lucineudo Machado). Contato: ponchetart1@gmail.com

V. Caminhando com "Il Matto" (*) no *Pé de Mundo*

IL MATTO
É um espaço de luz na humanidade.
IL Matto
Tem nos olhos portas que acolhem por sororidade.
IL MATTO
Tem os passos que o aproxima do bem.
IL MATTO
Não perde tempo, para ter mais tempo para amar.
IL MATTO
Não para nos obstáculos, faz deles trampolim.
IL MATTO
Não desperdiça energia com o negativo.
IL MATTO
Faz da vida uma terra sagrada, onde as pegadas do bem não são apagadas.
IL MATTO
Se faz forte, apenas para carregar o peso da vida junto a quem se encontra fraco.
I L MATTO
É um ser extraordinário que é capaz de pulsar outras vidas dentro de si,
Esquecendo das próprias dores,
Só para ver o outro sorrir.
(*) IL MATTO (do italiano): o louco, o tolo, o bobo, o tonto

Mariv Dorta - Jaboatão dos Guararapes-PE – membro do Projeto Artes e Serenata de Olinda, poeta, pintora, baterista, fotografa, circula o Brasil com o esposo, em um trailer "Pé de Mundo", nome também de seu canal no YouTube.

Era uma tarde...

Artur Rocha

Era uma tarde exposta ao vento e o mar roncava em estrondo espumoso bem ali. Os coqueiros, com o resto da vegetação litorânea, dançavam para lá e para cá a dança do vento. E era muito lindo ver as açucenas, bromélias e taboas, em toda aquela sincronia salgada de um oceano azul e distante. ‘’Azul e remoto’’ era o pensamento que vinha à mente de qualquer observador... E a areia da praia voava forte com suas salinas, misturas e pedriscos tão alvos. Tornava a tarde mais alaranjada e turva de se ver. No revoar da areia, lembrava uma horda de mosquitos velozes e quentes voando em direção ao vermelho e longínquo oeste. Relativamente, era a direção contrária para aquela solitária silhueta que estava abaixada sob suas pernas logo ali adiante, sobre a areia que era cavada com a força da água que ia e voltava. Passos afundaram continuamente a areia há poucos instantes. E seguiam… até terminarem em dois joelhos dobrados que suportavam o restante do corpo.

Ao lado de umas poucas e grandes rochas que amenizavam tamanha força marítima, próximo de onde quebravam as incessantes ondas azuis, ali ele restava. Estava com um papel de aspecto velho na mão que continha o esboço de uma cidade, que, não fosse por seu alto-relevo e um velho traço detalhado quase apagado, seria apenas um papel em branco que possuía uma resistência extrema e desconhecida com a água. Os detalhes eram todos de um refinado traço feito como uma mancha forte de impregnado pó de café. Esfumaçado e indelével. O esboço mostrava uma imensa cidade, entre prédios colossais e áreas tão extensas e desabitadas como um grande deserto verde.

— Não entendo, que estranho, mas isso é uma cidade! Como assim? Quem perderia algo assim tão importante? Bom, pelo menos deveria ser muito importante… E foi o vento ou o oceano que me trouxe? Será que alguém mais viu? Ou veio só para mim? Se alguém viu ou não, certamente és muito antigo e agora, está longe de mais, seja quilômetros, anos ou memórias, são já em milhares, a imensa distância de quem as perdeu. A folha então é virada ao verso e lá está a grande frase poética de *Drummond*, na qual o solitário da praia tanto amava e até tinha tatuada em seu corpo. *“No mar estava escrita uma cidade.”*

- Ah! Então era isso… A cidade que ele falou, que ele falava ou sonhou está aqui em minhas mãos. Será que o esboço foi perdido pelos engenheiros celestiais? Ou Drummond quis me presentear? Talvez soubesse da minha ânsia em ver tão qual seria tal cidade, todo o meu sonho que já cheguei a falar… Sempre imaginei e era exatamente assim. Extensa, além da linha azul que sou capaz de ver, onde casas e seres seriam um só, onde o afeto e o amor pairavam no lugar de nuvens… um sonho que nunca houve, ou se houve, é demasiado belo para existir.

Nesse instante, uma onda que veio mais forte do que as outras quebrou sobre ele, envolvendo-o até a cintura, fazendo-o assim soltar aquele velho papel esbranquiçado.

Levantou-se e olhou imediatamente para todos os lados na água, querendo desesperadamente recuperá-lo para quem sabe guardá-lo consigo a fim de mostrar para alguém, pôr em alguma moldura, escrever algo sobre ou mostrar em algum jornal por aí…, mas jamais viu novamente tal papel, jamais o pegou outra vez. Seus olhos vermelhos encheram-se de lágrimas e chegavam a arder em junção à forte maresia presente ali. Então ele falou consigo mesmo:

- Entendi… entendi já. Seria um cego de verdade se não decifrasse! Que assim como o poeta some, tu também te vais, para sempre, deixando apenas um vazio lotado, seja de sonhos ou recordações. Mas sempre forte e presente, não apaga… então vá, minha linda cidade, vá! Seja sal agora, seja azul novamente… então seja mar para sempre.

Artur Rocha escreve contos e crônicas desde 2016. Uma impressão filosófica existencial é bastante influente em muito de seus escritos. Em 2022, lançou sua coletânea de contos, que está disponível na *Amazon, Clube de autores* e *Uiclap.*

A professora e os alunos da tecnologia

Antônia Cavalcante de Oliveira

Criança, ao ir para a escola, ouvia:

- Vá estudar! Vá ser alguém na vida!

Ao chegar da escola, a pergunta:

- Cadê o dever de casa? E faça esse dever! Não traga reclamações para casa! Pai e mãe não devem passar vergonha. A professora deve ser respeitada!

E eu a sonhar com as histórias dos livros. Cada uma, um encanto na minha imaginação de criança! Belas histórias!

"O urso com a música na barriga", li várias vezes, achava engraçado!

"Alice nos pais das maravilhas" era um encanto. Imaginar o que haveria no buraco que Alice caia! E eu desejava cair também em um buraco, voltar adulta, professora e contar tantas histórias que me encantavam.

Monteiro Lobato e o pó de pilimpimpim me transportavam para o mundo do Sítio do Pica-pau Amarelo e toda turma do sítio, fizeram-se os livros mais lidos da minha infância. Tia Anastácia, com as prendas domésticas, as crianças não enxergavam sua cor, apenas a respeitavam, assim o mundo desse escritor, aumentava a minha sede por livros.

Cresci, outros autores descobri. Érico Veríssimo, com Olhai os lírios do campo, fez com que eu lesse quase toda a sua obra. No ensino médio, Machado de Assis se fez eterno na minha sede por livros. Também descobri Graciliano Ramos, Jorge Amado, Raquel de Queiroz e me encantei com a literatura desse ciclo, um literatura que revela o problema do nordestino: as consequências vivida pela seca.

Na faculdade de Letras, mais autores me encantando. Leituras povoando minha cabeça.

De futura professora, levava todo esse mundo de leitura para os alunos, como a professora Ângela Gutierres, uma verdadeira atriz na arte de encantar a literatura ensinada.

Professora, outro mundo. A literatura das crianças e adolescentes já não acontecem com o mesmo encanto que tive, não se pega o livro, mas sites que se podem ler de tudo.

O que escuto:

- Professora, a Internet tem de tudo.
- E a tarefa, já copiaram?
- Já!
- Mas agora que terminei de copiar, como pode?
- Professora, está tudo fotografado no celular!
- Não esquenta, Professora! É só conectar o celular o tablet, o notebook, tudo acontece! Não precisa se estressar ....
- O livro de poesia, trouxera?
- Qual a poesia e o autor? É só baixar! Pra que carregar peso?
- Os livros são mais interessantes!
- Professora, a poesia e o autor são os mesmos. Isso é preconceito com o celular?
- E o Brasil em prosa e verso vaga a minha cabeça, a lembrança das minhas leituras, dos meus sonhos de ser professora e contar histórias e os autores que promovem vida! Mas hoje a escola é povoada por alunos com celular que os encanta mais que as histórias lida nos livros que engrandecem o futuro...

Antônia Cavalcante de Oliveira, nasceu em 09/03/1956, Fortaleza, filha de Beatriz de Oliveira Cavalcante e João Cavalcante de Santana. Licenciada em Letras, pela Universidade Federal do Ceará, Professora aposentada, poetiza, cronista e cronista, palhaça e atriz. Pertence a Academia Feminina de Letras do Ceará e Associação Cearense de Escritores.

Recordações da Fortaleza anterior ao segundo milênio

Maria José Monte Holanda

Nasci em uma pequena e querida cidade próxima a Fortaleza, mas esta capital também foi adotada por mim de coração, desde quando, bem criança, passei a visitá-la com frequência, vindo aqui permanecer definitivamente aos treze anos. Bate o saudosismo quando relembro como a percebia com os olhos infantis, adolescentes, jovens e tal como a vejo agora.

Passando por Parangaba, entrada da cidade pelo lado do qual vínhamos, no caso Acarape e Redenção, e seguindo pelo "concreto", como chamávamos a Avenida João Pessoa, ladeada pelos casarões residenciais, e algumas construções em destaque, como o Asilo (casa que abrigava pessoas com doenças mentais), Casa do Português, Colégio Juvenal de Carvalho Colégio, das Irmãs Salesianas e outros, e então chegávamos ao nosso itinerário próximo ao campo do Ceará Sporting Club, onde morávamos.

Nessa época, anos sessenta, Fortaleza era uma cidade de fácil acesso, aonde íamos e vínhamos a pé ou de ônibus, a qualquer hora, de preferência nas camionetas da Parangaba ou no ônibus do Porangabussu, hoje Rodolfo Teófilo, que faziam a linha do centro para esses bairros. Tudo isso era feito com alegria, segurança e sem atropelos. Disso sinto saudades.

Fortaleza continua uma cidade bonita, alegre, receptiva, mas não podemos ignorar seus conflitos, obstáculos e contradições, embora saibamos serem essas características comuns às cidades que crescem e se desenvolvem quase sempre desordenadamente.

Quando a conheci, encantava-me com todo seu ar de capital: praia, cinemas, colégios, Praça do Ferreira, e Praça José de Alencar, onde estavam estacionados os ônibus que serviam a cidade. Toda cidade convergia para o centro. A parte comercial era restrita, sendo grande parte ocupada por residências. Nas ruas principais do Centro, Major Facundo, Liberato Barroso, Guilherme Rocha, Barão do Rio Branco, estavam as melhores lojas comerciais: as Lojas Brasileiras e a Quatro Quatrocentos, aonde meus pais nos levavam para tomar sorvetes; a Mesbla, a Flama, Rouvani esporte, a Cearense (principal loja de moda da cidade), a Esquisita, Flama, A Cruzeiro, Mundo das Miudezas, Farmácia Oswaldo Cruz, Pasteur. E aquele quarteirão de pequenas lojas conjugadas na Rua Liberato Barroso (Casa do Rosário, Samaria, Samaritana, Empório das Meias e outras), onde se encontravam todo tipo de enfeites e aviamentos para confecções de roupas, era lá o paraíso das costureiras. Ainda os "armazéns", como eram chamadas as lojas que vendiam tecidos, que me encantavam quando ia comprar algum para vestidos, pois até então tínhamos boas costureiras: Armazéns Nordeste, do Sul, Pernambucanas, Ouvidor, Casa Blanca. O Cine São Luís, a grande sensação quando foi inaugurado em frente à Praça do Ferreira, a Leão do Sul, de bom caldo de cana e fabuloso pastel. Um pouco mais afastado, mas ainda central, estava o Parque da Criança. Ali o Parque Shangai, uma vez por ano, ocupava aquele espaço com seus atrativos, onde toda mocidade freqüentava e se divertia naquele período.

Estou a recordar seguindo apenas os meus pensamentos, como se estivesse a passeio, presenciando o aqui citado.

E os domingos, para a praia do Farol ou Mucuripe tomar banho, chupar um picolé e bem rosada, tal qual camarão, voltar para casa, feliz e certa de ter feito o melhor passeio do mundo. E era! Íamos todos os irmãos mais novos com o papai, na sua Rural Willys. O mar sem ondas e o sal na boca e olhos, que não nos era tão familiar, tão diferente da doce água dos rios e açudes, mas apreciávamos e nos divertíamos muito com essas diferenças.

À tarde, missa na Igreja São Raimundo, no Porangabussu ou na Igreja dos Remédios, no Benfica. Domingo perfeito!

A cantada Praia do Mucuripe, no começo era uma vila de pescadores, conservando até hoje um símbolo dessa época, a Capela dos Pescadores ou Igreja de São Pedro, que sabemos ser o padroeiro dessa destemida classe. Foi dali que em 1941 partiu a jangada com os pescadores Mestre Jerônimo, Tatá, Manuel Preto e Jacaré, esse último foi o responsável pelo "diário de bordo", para o Rio de Janeiro, então capital da República. Essa viagem sem bússolas e sem cartas, contando apenas com a coragem e o conhecimento prático desses homens, tinha a finalidade de reivindicar do Presidente Getúlio Vargas, melhores condições de trabalho para a classe pescadora da região, e teve repercussão nacional na imprensa.

Durante a década de 40, a vila foi escolhida para ser a construção do Porto do Mucuripe. Já nos anos 50, passa a ser bairro, tornando-se, daí para frente, uma das áreas de maior especulação imobiliária de Fortaleza. Os espigões hoje imperam e apagaram a imagem natural e bucólica da antiga vila.

Sabe algo que me traz boa recordação e também um pouco de lamento? É quando vou a algum desses bairros mais afastados e vejo ainda ruas com quarteirões de casas residenciais, jardins e alguém no portão. Parece que ali moram pessoas mais reais que nós, com problemas que também já nos foram comuns, mas que hoje diferem dos nossos atuais, que moramos em prédios de apartamentos. Quando vejo alguma casa resistindo no meio da especulação imobiliária, imprensada por prédios, mas que continua lá, fico torcendo por sua teimosia e resistência aos apelos modernistas e especulativos.

Lembro-me de quando, anos atrás, morávamos em casa, as várias fases: curtição na construção, crianças pequenas, jardim cultivado e com árvores plantadas por nós, criando cachorros, caixa d'água no quintal, festinhas de aniversário com tudo feito em casa (inclusive as lembrancinhas), meninos com os amigos nas calçadas e brincando no meio da rua, pessoas de confiança que nos prestavam serviços, poder sair e deixar a casa sem precisar contratar alguém para guardá-la.

Aqui começou o X da questão. Fortaleza começava a crescer, a mudar, as nossas casas e ruas já não eram nosso porto seguro. Trocamos todo aquele estilo de vida por outro tipo de moradia, pelo que chamamos de segurança, comodidade e independência, o que até certo ponto é verdade. Gostei disso, foi uma opção consciente. Ainda tenho o privilégio de apreciar da minha varanda ou atravessar a rua e usufruir de uma bela praça cheia de árvores, pássaros que de lá vêm até minha janela bicar as flores; crianças, pessoas caminhando ou sentadas em bancos conversando, dando-nos a ilusão de uma imagem interiorana e bucólica. Essa visão quebra um pouco o ar urbano constituído por veículos e o acúmulo de concreto em forma de prédios. Ainda bem que tive aquela anterior experiência, da Fortaleza onde todos moravam em casas, porque morar em casa, ladeada por vizinhos, é uma boa e rica experiência.

Maria José Monte Holanda nasceu em Acarape-CE e mora desde 1963 em Fortaleza. Bacharel em Biblioteconomia pela UFC, prestou serviços como bibliotecária na Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Cursou também Especialização em Bibliotecas Públicas e Escolares (UFC), História: Questões Teóricas e Metodológicas (UFC), e curso de Especialização em Literatura na UFNB. Publicou os livros: infantojuvenil, Descobrindo outros mundos: aqui pertinho (Ed. Premius, 2015), em parceria com Janina Sanches; Algo do passado: um compartilhar despretensioso (Expressão Gráfica, 2013); Janela do cotidiano (Expressão Gráfica, 2020), e A Janela do Viajante (Expressão Gráfica, 2022).

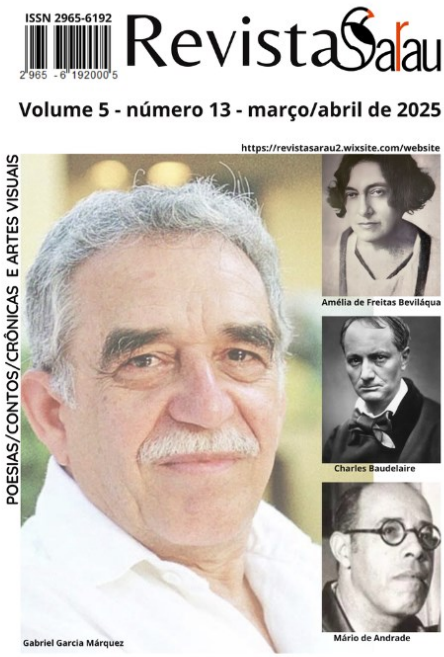
Edições anteriores

Acesse:

https://revistasarau2.wixsite.com/website

DROPS

Próxima edição da Revista Sarau



Oficina

Clube dos Poetas Cearenses

Adquira seu exemplar
(85)988794891